

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

CRISTINA SOUSA PIMENTEL

Universidade de Lisboa

Abstract: In this study we suggest a reading of texts by Portuguese and French authors, from the 16th to the 20th century, focussing on the perspective of the student of the Latin language: we have sought the images, memories and impressions (almost invariably negative) imprinted on learners by teachers, methods and didactic aids. Maybe through this evocation, whose scope ranges from Gil Vicente to Mário de Carvalho, from Montaigne to Marcel Pagnol, will we succeed in finding the causes underlying the constant “convulsions” to which the classical languages have been subjected by *curricula* and educational reforms.

Keywords: Didactics, Latin and Greek, methods, instruments and teaching agents, Portuguese and French literature (16th - 20th century)

Em todos os encontros e colóquios de classicistas de que tenho memória, sempre que houve oportunidade, uma ou mais vezes se ergueram para denunciar ou partilhar com os colegas a insatisfação sentida perante a cada vez menor preparação dos alunos, em particular os de línguas clássicas. Simultaneamente, tal rol de queixas, que nunca varia muito nas suas linhas definidoras, inclui a confissão mais ou menos patética, mais ou menos resignada, de que tudo se faz nas aulas mas pouco ou nada se consegue para interessar os alunos pelo latim (já nem falo do grego!). Desfiam-se jeremiadas, inventariam-se possíveis causas para o cataclismo (que, curiosamente, são sempre as mesmas), aventam-se estratégias de remediação (que estão muito na moda mas de cujo resultado a experiência nos desengana). Em alguns casos, os protagonistas de tais desabafos, feitos no aconchego de saber que quem os ouve padece as mesmas agruras, têm contudo a ousadia de apresentar-se como exemplo pelo que fazem nas respectivas aulas e por – assegurarmos sem deixar margem para dúvidas – obterem excelentes resultados com os alunos que lhes couberam em sorte.

Também eu já várias vezes me surpreendi nesse coro de vozes, entre indignadas e plangentes, também eu de vez em quando tenho a ilusão – amiúde revelada impudicamente em artigos e conferências – de

ter encontrado, não o caminho, mas, talvez, um caminho para fazer com que os meus alunos gostem de latim e aprendam o mínimo que considero indispensável.

Com os anos, porém, fui-me desgostando de ouvir sempre o mesmo diagnóstico da situação apocalíptica do ensino do latim, como me foi cansando o pacote de lugares-comuns que se debitam sobre o assunto: os alunos têm má preparação em português; o professor de latim tem de ensinar a gramática das duas línguas; o latim é imprescindível como ginástica mental, já que é a matemática das letras; sem latim não se pode saber português a sério; o latim não é uma língua morta mas a língua-mãe; a culpa é da sociedade economicista em que vivemos, que não vê utilidade prática no latim, e dos professores que vêm cada vez mais mal preparados...

Ora, o que me parece sobremaneira divertido é encontrar na literatura ecos e reflexos de toda essa problemática associada ao latim, aos seus métodos, instrumentos e agentes de ensino¹, bem como marcas explícitas da forma como se aprendeu latim e do rasto que ele deixou em quem com ele topou no seu currículo. Até mesmo o rol auto-compadecido de queixumes que atrás reproduzi está já na literatura, posto na boca de uma personagem, um desenganado professor de grego, da peça *Se perguntarem por mim não estou*, de Mário de Carvalho², que, perante a ameaça de um tigre à solta no prédio em que vive, diz:

“FERNANDO

O que é que eu tinha a perder? Pensam que eu tenho alguma coisa a perder? Sabem o que é a minha vida? Eu sou professor de Grego Clássico! Grego Clássico! Tenho meia dúzia de alunos que vieram para a minha aula não porque tenham o menor interesse pelo Grego. Querem lá saber do Píndaro? Querem lá saber do Tucídides? Querem lá saber do Demóstenes? Não, eles vieram aturar-me, penosamente, porque na cadeira de grego há vagas. Eu tenho exactamente os alunos da Faculdade mais mal classificados. Aqueles que não se interessam por nada. Que se estão nas

¹ A imagem dos professores de clássicas, no cinema, não destoa da que encontramos na literatura. Bastará lembrar os dois professores de História de Roma e de Grego do filme *Amarcord*, de Fellini, e a aula do professor de Latim, em que os alunos repetem a declinação de *agricola*, em *Clube dos poetas mortos*, de Peter Weir.

² A peça estreou-se em 20 de Março de 1999 e foi publicada pela Editorial Caminho.

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

tintas. Eu passo os dias a falar para o boneco. E depois aqueles tipos acabam por se formar... Eu não posso (vontade não me falta!), mas não posso chumbar toda a gente. E depois eles aparecem na terrinha a exhibir o canudo, a dizer que são doutores. Ficam desempregados, mas são doutores. À custa, também, do Grego que eu não lhes consegui meter nos cornos! Desculpem... na cabeça!

DUARTE

Vaidade das vaidades e tudo é vaidade...

FERNANDO

“Mataiotes mataiotes, kai panta mataiotes³“ De maneira que se eu aparecer em frente do tigre e o tigre me devorar, que é que o mundo perde? Eu faço parte da reduzidíssima tribo dos helenistas... Quem é que quer saber dos helenistas? Se aparecer no jornal a notícia “Helenista devorado por um tigre”, toda a gente vai dizer “coitado do tigre, o homem devia ser tão indigesto!”. O Ministério vai acabar com os cursos. Não dão rendibilidade às empresas. As empresas não se interessam por Tucídides. Nos formulários, não há uma única empresa que pergunte “sabe Grego Clássico?”, “Quem era Demóstenes?”... Eu vou ser despedido. Vão-me reformar! O que é que eu faço? Só sei grego! Mais nada...

DUARTE

Podia escrever um tratado.

FERNANDO

E quem é que o lia? (Pausa) O 25 de Abril deu cabo disto!!! Estão a ouvi-lo? Está à minha espera. Pronto a devorar o último professor de grego! É melhor acabar nos dentes de um tigre, que tristemente reformado, para aí, a dizer “rododáctilon éon”, sem que ninguém perceba... (...)

CECÍLIA

O senhor está para aí a gabar-se do seu Grego. O senhor é muito arrogante...

FERNANDO

Eu? Um mísero professor duma língua morta que ninguém fala e de que ninguém quer saber?”

Assim, o que proponho é a leitura de alguns textos de autores portugueses e franceses, como base para uma reflexão, desta vez não centrada no ‘eu’ desconsolado do professor de latim, mas antes na perspectiva de quem sofreu esse ensino e dele guardou imagens, memórias, impressões.

³ O professor de Grego engana-se na citação de *Eclesiastes* 1:2. Em vez de ‘kai’ deveria ter dito ‘ta’. Mário de Carvalho lembra-se talvez de alguma ‘selecta’ de Grego dos seus tempos de estudante, em que a frase ‘traduzia’ o *et [omnia uanitas]* da *Vulgata*.

Em jeito de preâmbulo, porém, considerarei três textos que, quanto a mim, revelam de forma significativa o entendimento que desde há mais de quatro séculos se faz do latim e dos seus conteúdos.

No séc. XVI, já Montaigne diz que, embora seja “un bel et grand agencement” saber latim e grego, “on l’achète trop cher”. E isto depois de ter reconhecido que vale mais saber a língua materna e a dos vizinhos com quem se mantêm relações, nomeadamente comerciais. Evoca então como exemplo a forma como seu pai entendeu por bem fazê-lo aprender latim: até aos seis anos, nunca ninguém lhe falou noutra língua além dessa, o que a tornou sua língua-mãe, que falava como língua viva. Só depois aprendeu francês. Belos tempos em que os pais tomavam tais decisões e em que se podiam contratar professores particulares (três, no caso de Montaigne) que só falavam latim com o discípulo! É singular ouvir Montaigne evocar os reflexos de tal determinação paterna mesmo na designação de muitos utensílios e artesãos da sua região, pois todos se viam obrigados a comunicar em latim com a criança.

Mas, desde logo, vemos que este quadro ideal só foi possível porque as circunstâncias económicas e culturais da família de Montaigne permitiam concretizá-lo. E é nas próprias palavras do escritor que descortinamos o que seriam, já no seu tempo, os métodos do ensino do latim, uma vez que ele se regozija por tê-lo aprendido “sans art, sans livre, sans grammaire ou précepte, sans fouet et sans larmes”⁴. Isto é: já nesta altura o latim era, para o comum dos mortais, um tormento feito de pancadaria e regras gramaticais.

Não deixa também de ser interessante observar a opinião expressa, no séc. XVII, por D. Francisco Manuel de Melo sobre o latim e a sua ‘perigosidade’, que o torna matéria altamente desaconselhada a mulheres. Diz ele, saboreando a pertinência do ditado popular “Deus nos guarde de mula que faz *him*, e de mulher que sabe latim”⁵, que “O ponto está em

⁴ V. anexo 1.

⁵ O ditado apresenta várias versões: Mula que faz “im!” e mulher que sabe latim, raras vezes têm bom fim. / Mulher que fala latim e burra que faz “him!” sai-te para lá meu cavalim. / Foge da mulher que sabe latim e da burra que faz “im”. / Mulher que fala latim, burra que faz “him!” e carneiro que faz “mé!”, libera nos et dominé. / Pedros, burros velhos, terras por cima de regos, burra que faz “him!” e

que o latim não é o que dana; mas que consigo traz de outros saberetes envolto àquele saber”. Não admira, pois, que evoque de seguida a história da mulher que, indo confessar-se a um frade, e fazendo-o em latim, logo tenha levado o confessor a concluir, desfiando a meada das circunstâncias agravantes (saber latim, ter-se educado em mosteiro, estar casada mas ter o marido na Índia), que não tinha tempo naquele dia para lhe ouvir a confissão pois era forçoso que trouxesse muito que dizer e ele estava com muita pressa⁶.

Temos, pois, uma outra circunstância aqui documentada: atrás do latim pode vir muito ensinamento nefasto, o que desde logo aponta para uma censura de textos, que existiu ao longo dos séculos, por serem impróprios no seu conteúdo ou pressupostos.

No séc. XVIII, quando se prepara a controversa reforma pombalina⁷, é a vez de Luís António Verney reflectir sobre algumas das características que faziam do ensino do latim o bicho-de-sete-cabeças que todos sabemos: textos inadequados, neste caso no seu conteúdo, impenetrável para os jovens alunos; arrogância e crueldade dos mestres, convencidos de tudo saberem e soberbos na sua condição de terem a ‘faca e o queijo na mão’; saber exclusivamente assente na memorização e nunca na compreensão; primado da gramática, nomeadamente de aspectos acessórios como a quantidade silábica, sobre o entendimento dos textos; lugar privilegiado reservado à composição em latim, método que Verney não hesita em qualificar de “erro maciço”; castigos corporais... Em suma: de tudo isso nasceria o ódio a todo o género de estudos, e desse ódio a ignorância dos portugueses e outros como eles⁸. Valerá a pena

mulher que sabe latim, nem comprá-los, nem vendê-los, mas sempre é bom em casa havê-los. / Deus nos livre de moça adivinha, mulher latina, de hora minguada e de gente que não tem nada. / Guarde-vos Deus de moça adivinha e de mulher latina. Veja-se ainda ‘Latim com barba e música com baba’ (cf. José Pedro Machado, *O grande livro dos provérbios*).

⁶ V. anexo 2.

⁷ Para só citar um estudo recente, v. a tese de doutoramento de Fernando José Patrício de Lemos, *A Reforma Pombalina da Escola Secundária e o Ensino do Latim. Política Educativa, Enquadramento Curricular, Métodos, Agentes e Instrumentos de Ensino*. Lisboa, Faculdade de Letras, 1998.

⁸ V. anexo 3.

lermos a conclusão do extracto que vos proponho, em que Verney aponta o dedo acusador aos mestres que fazem da (má) tradução o objectivo das suas aulas: “Onde a minha regra geral é esta: Quando ouço um Mestre, que, explicando livros eloquentes, traduz assim: *Petrus*, Pedro; *Amat*, ama; *Joannem*, a João; sem mais outro exame assento que não sabe Latim.”

Ora, depois da reforma pombalina e no séc. XIX, como é sabido, nada mudou para melhor no ensino do latim. Nem os métodos, nem os professores, nem os instrumentos. São muitos os documentos que a literatura nos fornece desse imobilismo devastador, que obrigava a decorar regras antes de abordar os textos, que seguia um programa rígido de autores, na sua essência desinteressantes ou inadequados ao estrato etário que tinha de os estudar. Também são bastantes as figuras de mestres que nos surgem nas páginas de alguns dos grandes escritores que estudaram latim e que, adiantando-o já, guardaram as piores recordações de tudo o que aprenderam, como aprenderam e com quem aprenderam.

No séc. XX, muito pouco se alterou no âmbito da didáctica do latim. Apenas se pode dizer que, por influência francesa, aquela que dantes era nosso guia e mestre cultural, gerações e gerações de adolescentes suportaram a guerra das Gálias, como texto básico que a quase ninguém dizia fosse o que fosse. Ainda se se passasse na Lusitânia! Não quero aqui levantar outra questão respeitante ao séc. XX e ao ensino das línguas clássicas, que é a de, após 1974, por medo de perder alunos ou de os ‘traumatizar’ para sempre com matérias tão abstrusas, se ter caído no erro contrário, mas tão nefasto como os que anteriormente se cometiam, e que foi o de se ter passado para um ensino infantilizado, assente em (maus) textos forjados, de conteúdo absolutamente ridículo e desmotivante, acompanhado de muitos bonequinhos e muitos *slides* e acetatos. Citando Horácio (*Sat.* 1. 2. 24), *dum uitant stulti uitia, in contraria currunt*.

Vejamos então, nos textos literários dos séculos XIX e XX, que informações colhemos acerca de professores de latim, métodos e instrumentos didácticos para o ensino das línguas clássicas, analisando também as marcas que tal aprendizagem deixou nos autores.

Professores e outros ‘latinistas’

N’ *A morgadinha dos canaviais* (cap. III), Júlio Dinis apresenta-nos o Sr. Bento Pertunhas, mestre de latinidade por acidente, músico por vocação, funcionário interino dos correios e de mais umas quantas actividades que desempenhava como podia. Mas este mestre de latim é um exemplo vivo do professor ressabiado, que aprendeu sem gosto e à força uma matéria que depois ensina, em moldes idênticos. Do latim, ele só tem queixas. Nada mais elucidativo do que ouvi-lo falar a Henrique de Souselas para percebermos aquilo que hoje em dia muitos ainda persistem em evocar como razão para o facilitismo de métodos e textos: o ‘trauma’ do indefeso aluno de latim.

“Eu sirvo este lugar interinamente, enquanto o empregado está paralítico; porque eu tenho outro cargo público; sou professor de latinidade.

– Ah!...

– É verdade, mas a minha vocação era para as artes. Meu pai queria que eu fosse padre e mandou-me ensinar latim; mas já então a minha paixão era a música. (...)

– Não poder um homem seguir no mundo a sua vocação!

– Ainda assim não se pode queixar muito. O cultivo das letras latinas deve-lhe proporcionar gozos; porque enfim para quem possui instintos de arte, a leitura dos poetas já é um lenitivo contra as agruras da vida.

O mestre Pertunhas fitou Henrique com olhos muito abertos.

– Os poetas? Os poetas latinos! Ora essa! Então parece-lhe que pode achar-se gosto em lê-los? Ai, meu caro senhor, eu por mim tenho-lhe uma vontade!... O latim!... a mais destemperada e desesperadora língua que se tem falado no mundo! Se é que se falou – acrescentou em voz baixa.

– Então duvida que se falasse latim? – perguntou Henrique sorrindo.

– Eu duvido. Não sei como os homens se pudessem entender com aquela endiabrada contradança de palavras, com aquela desafinação que faz dar volta ao juízo de uma pessoa. Sabe o senhor o que é uma casa desarranjada, onde ninguém se lembra onde tem as suas coisas quando precisa delas e passa o tempo todo a procurá-las? Pois é o que é o latim. Abre a gente um livro e põe-se a traduzir e vai dizendo: “As armas, o homem e eu, canto, de Tróia, e primeiro, das praias”. Quem percebe isto! Ora agora peguem nestas palavras e em outras, que eles punham às vezes em casa do Diabo, e façam uma coisa que se entenda! É quase uma adivinha. Ora adeus! E depois – continuou ele, entusiasmado com o riso de Henrique, supondo-o de aprovação – e depois as diferentes maneiras de chamar a um objecto? Isso também tem graça. Nós cá dizemos por exemplo: “reino e reinos” e está acabado; lá não senhor; diz-se regnum e regna e

regni e regno e regnis e até regnorum. Ora venham-me cá elogiar a tal língua!

Henrique estava achando delicioso o ódio entranhado de mestre Bento Pertunhas à latinidade que ensinava com a proficiência, que o leitor pode imaginar, depois do que ouviu.

– Ai, meu caro senhor – continuou o atribulado magister – eu se me vejo um dia livre deste amaldiçoado latim, faço uma fogueira, na qual me hei-de regalar de ver arder o Tito Lívio e os Virgílios todos três.

É de advertir que mestre Bento falava sempre no plural, ao referir-se a Virgílio.

Quer-me parecer que para este intérprete da literatura latina tinham de facto existido três Virgílios, provavelmente irmãos, e cada um autor de cada um dos três volumes da edição⁹, que lhe servia de texto. Dizia Virgílio 1.º, 2.º e 3.º, como quem se refere aos monarcas homónimos, que sucederam num mesmo reino.

– Não me salvo se morro mestre de latim – prosseguiu ele. – Afunda-me no Inferno o trambolho da sintaxe.”

Bento Pertunhas, o mestre frustrado, é o resultado do tipo de ensino por que passou e também ele reproduz agora, contrafeito mas submisso, ansioso por lançar ao fogo os três carrascos que o perseguiram toda a vida, discente e docente: os três Virgílios, acompanhados do infundável Tito Lívio. Os horrores que suportou levam-no a duvidar de que o latim alguma vez tenha sido falado e o seu ‘retrato’ da estrutura da língua justifica bem que odeie os autores, que nunca leu¹⁰, apenas dissecou a golpes de regras e sob o peso do “trambolho da sintaxe”.

Ora, também em Júlio Dinis (“O espólio do Senhor Cipriano”), encontramos um boticário idealista, “decidido amante da ordem”, que acredita que “As raças latinas hão-de tomar o lugar que lhes compete”, quando se formarem os três impérios da França, Bélgica e Holanda, por um lado, a Itália governada toda pelo Papa, por outro, e, por fim, “Portugal, ao qual se há-de dar a Espanha e restituir o Brasil”. Nessa altura, segundo crê, “o latim há-de deixar de ser uma língua-morta”.

⁹ Em anexo A apresentamos o frontispício de uma das inúmeras edições do 1º volume das obras de Vergílio que o texto refere e se usavam no ensino. O 1º tomo continha as *Bucólicas* e as *Geórgicas*, o 2º os livros I a VI da *Eneida* e o 3º os livros VII a XII.

¹⁰ Significativa é a sua reacção ao topar com um volume d’ *As metamorfoses* em casa de Augusto: “Poh! poh! *As metamorfoses*... Latim! Oh que maçada! Poh! poh! poh! poh!... – E o Ovídio, que lhe chegara às mãos, foi arremessado como se estivesse em brasa.”

Temos aqui o exemplo de uma raça que, apesar de tudo, ainda não desapareceu, e cujos descendentes pensam possível encetar conversas com os alunos que não vão mais longe do que os cumprimentos e algumas chochas banalidades¹¹. E isto, sabe Deus com que pontapés na “língua de Cícero e de Virgílio”, para retomar palavras de Júlio Dinis, que pinta o sonhador falante do latim como alguém que se supunha “um profundo latinista, não obstante as continuadas silabadas com que deixava a escorrer a língua de Cícero e de Virgílio. Desculpe-se-me a ambiguidade da expressão”¹².

Em Camilo Castelo Branco, o panorama é o mesmo, quanto a professores e métodos. Tomemos um único exemplo, d’ *A Filha do arcediogo*. Aí encontramos um estudante constantemente humilhado pelo professor de latim¹³, de mais a mais porque prefere namoriscar a estudar regras e excepções, que recebe castigos sobre castigos por ser destituído até para traduzir uma puríssima e latina frase como *mundus a Domino constitutus est*.¹⁴ Até que um dia...

¹¹ Já Filinto Elísio, no seu mais amplo e claro manifesto em favor da renovação da língua portuguesa assente nos modelos latinos e nos clássicos portugueses, e totalmente expurgada dos galicismos com que a moda do momento enxameava a língua pátria, duvidava, cáustico, de tais habilidades em falar latim: v. anexo 4.

¹² V. anexo 5.

¹³ Para o relato da relação professor/aluno, neste caso paradigmático, v. Anexo 6.

¹⁴ A frase tão difícil de traduzir para o obtuso estudante é a que abre o 1º tomo da ‘selecta’ por onde, após a Reforma pombalina, estudavam os alunos, depois de aprenderem as regras de gramática na ponta da língua. Tomada do original de Pierre Chompré, em adaptação para Portugal feita por José Caetano de Mesquita e Quadros, era constituída por seis volumes “onde os meninos tomassem as suas lições com muito gosto, adquirindo copiosa erudição da lingua latina, e instruindo-se ao mesmo tempo na Historia antiga” (*Prólogo*, § 1). Esse 1º volume, de que apresentamos no anexo B o frontispício de uma das edições (datada do ano em que Camilo surgiu na cena literária), começava pela *História Sagrada* de Sulpício Severo, apreciada no *Prólogo* (§ 20) como “obra pura, e limpa de todo o erro (...) um admiravel epitome da Historia da Religião escrito com muita graça, singular simplicidade, e elegancia”. Completavam esse 1º volume excertos de Eutrópio, Aurélio Víctor, Cornélio Nepos, Justino e Floro (Cf. F.J.P. Lemos, *op. cit.* vol. I, pp. 218-233). Em anexo C reproduzimos a primeira página dessa selecta. Nos anexos D e E damos conta de uma tradução deste manual, espécie de ‘burro’ para alunos menos prendados ou mais apressados (na ‘Advertência’ preliminar diz-se ter sido feita a edição “na persuasão de

“José Bento recai numa profunda concentração. Durante o dia não comeu, nem bebeu, nem estudou. À meia-noite ergueu-se dum ímpeto semelhante a um ataque repentino de demência. Abriu uma gaveta e tirou um garfo. Às apalpadelas, atravessou um corredor e, na extremidade, abriu de mansinho uma porta. Aproximou-se do leito onde ressonava um homem, e cravou-lhe três vezes o garfo no pescoço. O agonizante soltou um rugido, que só o assassino ouviu, e expirou.

Pela manhã encontraram morto o velho Manuel José de Almeida, professor de Latim, com um garfo tinto de sangue sobre a dobra do lençol.

José Bento desaparecera. Foi procurado em casa do João Retroseiro, e não o encontraram.

Horrível acontecimento!

A língua latina perdeu um dos seus melhores intérpretes. O Sr. Manuel José de Almeida poderia ser um temperamento colérico com os seus discípulos, mas a ciência devia-lhe muito. Escreveu largamente sobre a genuína interpretação do tam libet hirsutam tibi falci recidere barbam, de Ovídio¹⁵. Deixou inéditos três volumes sobre a conjunção copulativa e preciosos manuscritos sobre o advérbio quotiescumque. Era um bom católico, e amigo dos pobres, que lhe chamavam pai. Era bom esposo, bom pai e bom irmão; e, se não era bom cidadão, é porque os cidadãos inventaram-se depois.

A terra lhe seja leve!”

Um outro curioso mestre, e este nada mais nada menos que “o professor de Lógica e de Retórica de Suas Altezas os Príncipes”, é o que Ramalho Ortigão nos deixa retratado em *As Farpas* (vol. VIII). Aqui a crítica abrange novos aspectos dos métodos de ensino e dos instrumentos para ele produzidos, que infelizmente não são hoje matéria passada, pois com certeza todos os presentes poderão rever no Sr. Joaquim Alves de Sousa alguém que conhecem ou cujas obras já consultaram. Valerá a pena saborear o texto:

“Acaba de ser nomeado professor de Lógica e de Retórica de Suas Altezas os Príncipes o Sr. Joaquim Alves de Sousa, antigo professor de hebraico no liceu de Coimbra.

que é útil quanto contribue para tirar as dificuldades, que os estudantes de latim encontram, quando principiam a traduzir”, pois “tudo quanto possa poupar tempo ao estudante, é utilíssimo”).

¹⁵ Trata-se de *Metamorfoses* 13. 766, embora a citação esteja errada, pelo menos nas edições que consultámos, algumas das quais surgidas em vida do próprio autor. O verso diz *iam libet hirsutam tibi falce recidere barbam*. Poderá tratar-se de reforço da ironia, tão natural em Camilo, dizer que o douto professor de latim escreveu largamente sobre um verso citado erradamente...

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

O Sr. Alves de Sousa é um homem baixo, extremamente cabeludo e metafísico. (...)

Sempre que antigamente era preciso fazer na Universidade um daqueles discursos latinos que tinham obrigação de não exprimir nenhum pensamento, nenhuma ideia, nenhuma opinião, e de roncarem todavia por um determinado espaço de tempo entre um repique tangido nos sinos e o hino académico flauteado nas charamelas, o Sr. Alves de Sousa era chamado como especialista destes casos.

O ilustre humanista comparecia então com a sua filosofia e o seu léxicon, e começava a operação. Punha diante de si os palavões ciceronianos, do alto estilo, colocados por sua ordem: primeiro os verbos ao pé dos respectivos advérbios com os seus competentes graus, positivo, comparativo e superlativo; depois os nominativos com todos os seus casos; em seguida os adjectivos com as suas três partes, masculina, feminina e neutra; etc.

Assim dispostos os elementos constitutivos da oração, o ilustre alquimista dos filtros retóricos das solenidades académicas puxava o verbo ao campo do papel almaço aplicando-o com os grossos bicos da sua pena de peru rangente e sorna. Depois acavalava-lhe o sujeito concordante em número e pessoa e revestido de um adjectivo apropriado; arrabichava o acusativo, enxalmava os necessários advérbios, afivelava as proposições, acolchetava as vírgulas nos seus respectivos furos, e exonerava o ponto final.

Passava então ao período seguinte, e assim prosseguia, remunerado pelos interessados com bocetas de ameixas de Santa Clara e com pencas de manjar branco, até haver preenchido com o seu bastardinho venerável o espaço de papel votado pelos usos universitários à lúgubre convulsão galvânica das línguas mortas.

Tal era junto da Universidade a missão científica do Sr. Alves de Sousa: ingerir pencas de Santa Clara e doce de Celas, produzir o latim campanudo, orquestrante, de carrilhão, destinado a petrificar o cérebro dos recipientes, no momento de se lhes colocar a borla doutoral, com a mesma solenidade expressiva com que se baixa o apagador litúrgico sobre o círio pascal. (...)

Este curioso estado de perfeição no abstracto levou-o a fazer uma gramática latina em que as regras são tiradas dos exemplos e os exemplos são tirados das regras.

As regras gramaticais de uma língua morta só podem ser tomadas dos documentos escritos que nos deixaram os povos que falaram essa língua. Vergílio, Cícero e Horácio concordavam o adjectivo com o substantivo em género, número e caso; logo em latim o adjectivo concorda com o substantivo em género, número e caso. Esta é a regra, de que será exemplo um ou mais trechos de Vergílio, de Cícero, de Horácio. O Sr. Alves de Sousa não o entendeu assim, e no seu compêndio nota-se que, sendo a regra feita por ele, por quem imaginam que será feito o exemplo? O exemplo é também feito por ele! Assim a doutrina deste sábio é ao mesmo tempo o efeito e a causa de si mesma.

Se não estivesse inventada a serpente com a cauda na boca, símbolo egípcio da imobilidade, a teoria deste filósofo ocuparia o lugar desse símbolo!”

O latim aparece assim como uma especialidade a que só alguns têm acesso, e aqueles que o conhecem ou dizem conhecer empenham-se em marcar as distâncias que os separam do comum dos mortais¹⁶. Não admira que esses arrogantes, que tanto se esforçam, com a sua suposta superioridade de selectos detentores de um saber que não é para qualquer um, por esconder a ignorância de que não conseguem nem querem já libertar-se, sejam tão frequentes vezes alvo da chacota dos autores.

Talvez não seja, assim, totalmente por acaso que Cesário Verde termina a parte III (‘Ao Gás’) do célebre ‘O sentimento dum Ocidental’ com esta lúgubre evocação:

*“Dó da miséria!... Compaixão de mim!...”
E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,
Pede-nos sempre esmola um homenzinho idoso,
Meu velho professor nas aulas de latim!*

É certo que Cesário Verde reprovou na cadeira de História das Literaturas Grega e Latina e acabou por abandonar o Curso Superior de Letras. Assim, talvez possamos ver neste desfecho, em que um homenzinho idoso e empobrecido se vê obrigado a pedir esmola a quem outrora foi seu discípulo, a desforra de quem lhe sofreu as inclemências de um ensino monótono, difícil e sem sentido.

É também de desforra que fala um saboroso passo¹⁷ de Camilo Castelo Branco, n’ *A queda de um anjo*. Aí conhecemos um certo Libório, futuro deputado, que

“Foi para Coimbra: fez-se examinar em latim, e foi reprovado. Desde este funesto dia da sua vida, Libório começou a dizer que era sábio em latim; e, por vingança dos examinadores, traduziu um poema latino com tanta clareza e fidelidade, que o poema original ficou sendo muito mais

¹⁶ Tal ‘superioridade’ ressalta de ditados populares como ‘Com latim, rocim e florim, andarás mandarim.’ ou ‘Com dinheiro, língua e latim, vai-se do mundo até ao fim.’

¹⁷ Do capítulo IX, ‘O Doutor do Porto’.

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

inteligível aos ignorantes de latim do que a versão com que a memória de Lucrecio fora ultrajada.”

Será, todavia, curioso verificar que tal imagem dos latinistas e mestres pseudo-sábios e convencidos se alarga, na literatura, a outras figuras indelevelmente caracterizadas, com ironia, por meio do latim e do uso que dele fazem.

Recuando de novo no tempo, lembremos alguns casos. Gil Vicente, no *Auto da Barca do Inferno*, põe o latim ao serviço do cómico, nomeadamente no desenho de personagens como o Corregedor. Este, que usa um latim macarrónico, o que desde logo aponta para a sua pouco sólida erudição, pensa marcar as distâncias que o separam dos homens vulgares e, assim, apresentar-se como alguém de muito merecimento e superior cultura. Com isso suscita o gozo desbragado do Diabo e do Parvo, que o arremedam e reduzem à sua insignificância. O latim de nada lhe serviu a não ser de penas de pavão que logo caíram, deixando-o nu na sua condição de pecador, igual a todos os outros¹⁸. O mesmo acontece, também em Gil Vicente¹⁹, no desenho da figura do ‘físico’²⁰. Os médicos, os cirurgiões, são igualmente desenhados no ridículo de se darem ares de superioridade pelo latim (igualmente macarrónico) que usam, para que ninguém os entenda e todos os sintam seres de excepção.

Não é com certeza por acaso que, em Molière, os médicos (e charlatães que por médicos se querem fazer passar) usam e abusam de idêntico latinório, saboroso nas suas calinadas e certo no desenho de personagens-tipo, os soberbos donos da saúde alheia. Recordemos dois passos divertidíssimos: um, do *Le médecin malgré lui*, em que Sganarelle, depois de se certificar que os que o rodeiam não percebem patavina de latim, dá credibilidade ao seu embuste fazendo o seu diagnóstico nessa

¹⁸ V. anexo 7.

¹⁹ Será interessante reter outros momentos e situações em que Gil Vicente põe as suas personagens a falar latim. Veja-se, por exemplo, no *Clérigo da Beira*, a cena entre o Clérigo e seu filho Francisco, que rezam matinas antes de começar a caçar, misturando retalhos de orações com comentários ao quotidiano e às preocupações terrenas. Merece também análise o *Paternoster d’ O Velho da Horta*, mistura da oração em latim e de acrescentos em vernáculo.

²⁰ V. anexo 8.

língua²¹; o outro, em *Le malade imaginaire*, em que o médico encaminha o seu ‘estagiário’ no diagnóstico e, enquanto este ainda arrisca apenas um tímido *dico* seguido da sua opinião, aquele vai acompanhando o raciocínio do pupilo com um *bene* e depois um *optime*²². Mais impiedoso ainda é o efeito conseguido com a célebre cena da consagração do novo doutor²³, em *Le malade imaginaire*: todo o exame perante as autoridades académicas é feito em latim (mais uma vez macarrónico), o que o denuncia afinal como mais um instrumento de reprodução de um saber catedrático mas ultrapassado, vazio e nefasto, indiscutível e impenetrável²⁴.

Já uma outra personagem, das mais saborosas que a pena de Camilo concebeu, Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda, o anjo que acabou por cair na rede da depravação dos tempos modernos, tem no latim e no uso que dele faz uma marca inexecedível de caricatura. De Calisto se diz, logo no cap. I, apresentação d’ ‘O herói do conto’: “Respeito a idiomas estranhos, dos vivos conhecia o francês muito pela rama; porém, o latim falava-o como língua própria, e interpretava correctamente o grego”.

Ora, repare-se que, enquanto Calisto Elói se manteve virtuoso, defensor dos valores da pátria, da família e da autoridade, em suma, enquanto foi um bota-de-elástico que via depravação e vício em cada canto, o latim foi a sua bengala em conversas, discursos e citações, tal como eram os grandes heróis romanos e a civilização do antigamente que lhe serviam de farpa para atacar os costumes desbragados a que os outros, que não ele, se entregavam. É de não perder o passo em que Camilo descreve a reacção de Calisto Elói a uma ida à ópera (capítulo VI: ‘Virtuosas parvoçadas’):

²¹ V. anexo 9.

²² V. anexo 10.

²³ V. anexo 11.

²⁴ Se voltarmos ao saber popular das máximas e aforismos, encontraremos esta mesma desconfiança em relação a profissionais da saúde e da lei, e a mesma chacota pela ‘mania’ de usarem o latim como marca de distanciamento. Veja-se, por exemplo: Deus nos livre de ‘etcetra’ de escrivão e ‘quiproquo’ de boticário. / Deus te guarde do *parrafo* de legista, do *infra* de canonista, *et-cætera* de escrivão e de *recipe* de mata-são.

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

“Calisto inteirou-se do enredo da ópera, e assistiu em convulsões ao espectáculo, que era a Lucrecia Bórgia²⁵. Saiu da plateia frio de horror e protestou, em presença de Deus e do abade, nunca mais contribuir com oito tostões para a exposição das chagas asquerosas da humanidade. Rompeu-lhe então do imo peito esta exclamação sentida: Amici, noctem perdidit!²⁶ Melhor me fora estar lendo o meu Eurípides e Séneca, o trágico! Medeia não mata os filhos cantando, como a celerada Lucrecia! As devassidões postas em música dão bem a entender que geração esta é! Brinca-se com o crime, abafando-se os gemidos da humanidade com o estridor das trompas e dos zabumbas. (...)

Assanhou o abade de Estevães o azedume do fidalgo, dizendo-lhe que o estado subsidiava o teatro de S. Carlos com vinte contos de réis anuais. Calisto fez pé atrás, e exclamou:

– Obstupui!²⁷... O abade zomba! O estado!... O meu colega disse o estado!

– Sim, o tesouro... – confirmou o clérigo.

– A res publica? o dinheiro da Nação? (...)

Os alvares da primeira manhã acharam-no passeando e declamando na estreita saleta do seu aposento. Via-se-lhe no rosto a palidez dos Fabricios.

Às onze horas entrou na câmara. Dir-se-ia que entrava Cícero a delatar a conjuração de Catilina. (...)

– Peço a palavra! – bradou Calisto Elói, erguendo-se inteiriço e fulminante. – Peço a palavra. (...)

O morgado da Agra escorvou-se de rapé, trombeteou a pitada, e orou deste teor:

– Sr. presidente. Em Grécia e Roma as festas anuais eram solenizadas com espectáculos. Os cidadãos timbravam em se dispenderem aporfiadamente para o maior realce das representações teatrais. (...) Os impérios opulentos, sr. presidente, os impérios, que digeriam a substância do universo, os impérios que edificavam teatros para trinta mil espectadores, não impunham aos povos a obrigação de se privarem do necessário para abrilhantarem Atenas ou Roma, com luxuosas superfluidades. Os serranos das províncias do Lácio não eram constrangidos a pagarem as delícias dos patricios romanos. (...) Sr. presidente! Eu tenho o desgosto de ter nascido num país, em que o mestre-escola ganha cento e noventa réis por dia, e as cantarinas, segundo me dizem, ganham trinta e quarenta moedas por noite. (...) Eu sou de um país

²⁵ Trata-se sem dúvida da ópera de Donizetti que, desde a sua estreia em 1833, no Scala de Milão, suscitou reacções de censura e pressão, inclusive papal, a par de um êxito fulgurante junto das plateias melômanas.

²⁶ Calisto Elói adapta à situação por ele vivida as palavras que Tito, segundo Suetónio (*Tit.* 8.2), proferiu uma vez, quando reparou que durante todo o dia não fora útil nem fizera bem a quem quer que fosse: *Amici, diem perdidit.*

²⁷ Calisto Elói lembrar-se-á de Apuleio (*Met.* 2. 7)? De Petrónio (*Sat.* 25.3)? De Propércio (1. 3. 28)?

pobríssimo, em que a veia da nação exangue sofre cada ano a sangria de algumas dúzias de contos para sustentar comediantes, farsistas, funâmbulos e dançarinas impudicas! Sr. presidente, v. ex^a sorriu-se, vejo que a câmara está sorrindo, e eu ousou dizer a v. ex^a e aos meus colegas, como o poeta mantuano: sunt lacrimæ rerum²⁸. (...)

Sr. presidente, nossos avós, os coevos d' el-rei D. Manuel e D. João III, tiveram teatros. Era no tempo em que as frotas da Índia rompiam Tejo acima carregadas de ouro. O Plauto português deliciava os paços dos reis, e os pátios e os tablados do povo. Quando se abriu o erário para locupletar o alto engenho de Gil Vicente? Quando foi necessário ir mundo fora em cata de gritadores que vendem tão caro o ar dos pulmões vibrado no mecanismo da garganta?

Uma voz: – Fez a civilização depois.

O orador: – E a pobreza também. A civilização que canta e dança, enquanto três partes do país choram. A civilização dos civilizados que dizem: Coronemus nos rosis antequam marcessant.²⁹ (...)

Sr. presidente, gozem nas boas horas os sátrapas da capital os deleites da sua civilização teatral. Dispendam-se, arruinem-se, doudejem com essas ficções e visualidades, que relembram factos de alto escândalo que não deviam ser vistos à luz da civilização, que o meu ilustre colega preconiza. Se gostam, não serei eu, homem de outros tempos e gostos, quem lhes impugne a racionalidade de seus passatempos. O que eu requeiro, em nome da justiça e da pobreza do país, é que se não sisem os povos provinciais para manutenção dos divertimentos de Lisboa. O que eu contesto é o direito de me fazerem pagar a mim e aos meus vizinhos as notas garganteadas dos ganha-pães, que não têm na sua terra ofício honesto em que vivam com seriedade e utilidade comum. O que eu sobretudo lamento, sr. presidente, é o silêncio desaprovador dos meus colegas. Sou eu só: serei eu só o vencido. Não importa! Victis honus!³⁰ As pequenas coisas tratam-nas os pequenos: Parvum parva decent.³¹

Ora, quando também este anjo tomba no abismo dos amores ilícitos e sucumbe a modas e prazeres mundanos, nem uma só palavra lhe voltamos a ouvir em latim. É agora para o francês, a língua de Racine e Corneille mas também dos *boudoirs* e das *cocottes*, que ele vai buscar os comentários com que enfeita o seu discurso.

²⁸ Vergílio, *Eneida* 1. 462.

²⁹ *Sabedoria* 2:8. Esperar-se-ia, porém, ‘*marcescant*’ e não ‘*marcessant*’.

³⁰ Trata-se de expressão proverbial latina. Parece ter-se usado sobretudo como forma de o vencedor num dado jogo convidar o adversário derrotado a dar início à desforra.

³¹ Horácio, *Epist.* 1. 7. 44.

Métodos e instrumentos didácticos

Autores como Júlio Dinis e Trindade Coelho dão reflexo, irónico ou impiedoso, dos moldes em que se ministrava o ensino do latim. N.º *As Pupilas do Senhor Reitor*, “Daniel ia andando com o seu latim e, dentro em pouco tempo, já papagueava os substantivos e os adjectivos com incrível e surpreendente velocidade”. Está tudo dito: gramática aprendida sem ligação aos textos e a ‘eito’ segundo as classes gramaticais, saber papagueado e oco. Será de dar a palavra a Júlio Dinis e saborear a reacção do pai de Daniel, José das Dornas, quando ouve o filho em plena memorização da declinação de pronomes e numerais:

“José das Dornas divertia-se excessivamente a ouvi-lo. As declinações ditas pelo filho em voz alta “lá lhe caíam no goto” como ele dizia; e já procurava imitá-lo nas suas horas de bom humor, que, segundo já afirmámos, eram numerosas.

– Diz lá, rapaz, diz lá. Então como é? Altrotoro, altrotoro, altrotoro. Ó tranca, ó tranca, ó trinque, ai diabos, diabos, diabos. Ah! ah! ah! Ora diz lá, rapaz, diz lá.

E Daniel principiava a repetir as lições, acompanhado das gargalhadas de José das Dornas, que, sem o saber, ia demonstrando com o exemplo um grande preceito de instrução, tantas vezes recomendado: – o de vencer, pelo estímulo do agradável, o fastio que acompanha o estudo. (...)

Que estrondosas gargalhadas se não deram na noite em que Daniel repetia em voz alta a declinação do relativo Qui e seus compostos!

– Ora essa! – dizia José das Dornas – que vem cá a ser isso? Qui, qui, qui, qui... Ai que o sr. reitor quer ensinar-me ao filho a língua dos cevados!”.

E o texto segue, revelando-nos que só depois de empinada a gramática o senhor reitor deu Daniel por apto para passar ao Sulpício (Severo), para depois atacar Eutrópio e Cornélio (Nepos)³². Curiosamente, tais ‘passagens’ de autor para autor pareceram ao humilde José das Dornas “uma façanha ginástica admirável”³³.

Nos primeiros anos do século XX, em texto autobiográfico incluído n.º *Os meus amores*, Trindade Coelho recorda o seu percurso didáctico e é para o latim, seus professores e métodos utilizados, que

³² Cf. nota 14.

³³ V. a continuação do passo em anexo 12.

reserva as palavras mais duras. Deste belíssimo texto concluímos que tudo era igual, de mestre para mestre, que o latim era uma longa agonia que começava pela memorização da gramática, entrava pela já citada frase *mundus a Domino constitutus est* pelas ‘selectas’³⁴ e os autores (Eutrópio, Cícero, Fedro, Tito Lívio e os famosos três Virgílios) e acabava geralmente na impossibilidade de ultrapassar Horácio, tanto era o ódio que entretanto os alunos haviam criado ao latim. Tudo isto no meio de castigos e num ensino ministrado por professores ignorantes, mesquinhos e vingativos, como aquele que paradigmaticamente Trindade Coelho recorda como “Um Hércules que era gracejador de mau gosto e tinha uma lenda de Herodes entre os rapazes”³⁵.

Não admira que, com estes métodos e tais mestres, sob o impulso de uma nova orientação positivista e experimentalista, logo no século XIX se tenha posto em causa a pertinência do ensino do latim e a importância dos conteúdos dos textos por onde ele se aprendia. De tais dúvidas, de que ainda hoje pagamos a factura, sem dúvida agravada pelos tempos pragmáticos e barbarizantes em que vivemos, é testemunho literário o tão famoso passo do cap. III d’ *Os Maias* em que Vilaça e o abade, que se alambaza com um delicioso fricassé de suculento frango, se manifestam contra a ignorância do Carlinhos, que já estava em boa altura de entrar “com o seu Fedro, o seu Tito Liviozinho...” A esta perspectiva claramente passadista, que diz que “deve-se começar pelo latinzinho” porque ele “é a base; é a basezinha!”, opõe-se a do preceptor Brown, que garante “Não! latim mais tarde (...) Prrimeiro forrça! Forrça! Músculo...”, e de Afonso da Maia³⁶, que explica:

“O latim era um luxo de erudito... Nada mais absurdo que começar a ensinar a uma criança numa língua morta quem foi Fábio, rei dos Sabinos, o caso dos Gracos, e outros negócios de uma nação extinta, deixando-o ao mesmo tempo sem saber o que é a chuva que o molha, como se faz o pão que come, e todas as outras coisas do universo em que vive... (...)”

³⁴ Cf. nota 14.

³⁵ V. anexo 13.

³⁶ Afonso da Maia vira o resultado da educação que o padre Vasques dera a seu filho Pedro, ensinando-lhe “as declinações latinas, sobretudo a cartilha”, num ensino afastado da vida que dele fizera um frouxo.

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

*A instrução para uma criança não é recitar Tityre, tu patulæ recubans³⁷...
É saber factos, noções, coisas úteis, coisas práticas...”*

Já no nosso século, o panorama do latim na literatura é idêntico. Miguel Torga e Vergílio Ferreira dão testemunho do ensino do latim ministrado nos seminários, sem dúvida não muito diferente em métodos e instrumentos do que se verificava nas outras escolas. Em *A criação do mundo I* ('O primeiro dia'), Torga evoca a declinação do eterno paradigma 'rosa, rosæ', para concluir, na perspectiva do juvenzinho que então era, da (não) pertinência de aprender latim:

“Achava estúpido. Mas era preciso declinar, conjugar, tirar significados (...)

Uma pessoa que se prezava, devia cumprir a obrigação, mesmo que lhe custasse. E custava um migalho! O português, a história, a geografia, sim senhor. Havia versos, havia factos, havia países... Enchia-se a alma, satisfazia-se a curiosidade, dava-se largas à imaginação. Lia-se uma vez, e ficava tudo na memória. O raio do latim é que demorava a entrar na cabeça.”.

Em Vergílio Ferreira, a reflexão vai mais longe, ao que não será alheio o facto de, como se sabe, o autor ter 'passado para o outro lado da barricada' e, de aluno, se ter tornado professor de línguas clássicas.

Em *Manhã submersa* (cap. XIV), o jovem seminarista vem a casa, orgulhoso do seu 13 a latim, mas o filho da sua benfeitora empenha-se em testar-lhe os conhecimentos. Dá de barato que ele já saiba os inevitáveis *rosa, rosæ* e *dominus, domini* e o miúdo sorri, ufano. Logo o algoz o interpela:

“– Ouve lá. Tu, que tiraste um 13 a Latim, deves saber muito disso. Então diz-me lá uma coisa: o que é que pede o verbo utor?

Mudos, todos esperavam a minha resposta. Fitei-os de um a um, bruscamente, até chegar ao meu carrasco. (...) Batido de expectativa hostil, abri as minhas mãos doridas e tudo em mim se rendeu:

– O verbo utor não sei.

– Pede ablativo. Não sabes nada disso.

E levantou-se.

Confundido de sangue, fiquei a ouvir-lhe os passos batidos no longo salão, até se perderem lá para dentro.”

³⁷ Trata-se do início da 1ª *Bucólica* de Vergílio.

Uma vez mais é o latim das construções específicas, desligado dos textos e do seu entendimento, que aqui se impõe, ameaçador e terrível, fonte de humilhações e desconchavos, marca que distancia os ‘eruditos’, na sua soberba, dos pobres diabos que nada sabem. É o latim papagueado e desligado da vida³⁸, que revolta a Sofia da *Aparição* (cap. V), ela que um dia, depois de explicada, aplicada e treinada em exercícios “não sei que regra sintáctica”, pergunta ao explicador de latim:

“– *Porque há-de a vida ter razão sobre nós? Porque havemos de ser sempre nós a submeter-nos? Um curso e um marido e filhos...
Tive uma palavra professoral, como era ali da minha obrigação:
– Se todos fizéssemos só o que nos apetece...
– Sim. Mas porque é que numa vida certa o verbo studeo há-de pedir dativo?*”

Se quiséssemos fazer ironia, diríamos que, com tais dúvidas, é bem natural que Sofia tenha tido o triste fim que sabemos...

Em *Conta corrente*, abandonado o domínio da ficção, Vergílio Ferreira reflecte por vezes sobre circunstâncias relacionadas com a sua prática de ensino. No vol. 3 (20 de Outubro de 1980), depois de evocar uma entrevista em que o levaram a falar “em defesa da cultura clássica”, o autor, reconhecendo embora que a cultura clássica, ou melhor, “o que através das línguas clássicas chegou até nós, é obviamente indispensável para uma equilibrada formação cultural”, assegura que a aprendizagem do latim é “extremamente penosa e difícil”, “de eficiência pouco visível”. Põe até em causa que a maioria dos professores da área consigam ler sem ajuda um texto desconhecido e deduz, da sua experiência, que mesmo muitos anos de contacto com o latim não impedem a generalizada incapacidade para ler um texto. E termina pela evocação hilariante de um episódio vivido por ele, mas que qualquer professor de latim, com não muitas diferenças, terá sem dúvida no seu álbum de memórias. Trata-se da tradução feita pelos alunos de alguns passos, para nós evidentes, para eles matéria esotérica e codificada, dando campo às mais desvairadas interpretações. Recordemos o texto:

³⁸ Acode-nos outro ditado popular: ‘Mais vale um dia de amores que dez anos de latim’.

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

“Mesmo no tempo em que o latim se estudava no liceu durante não sei quantos anos, a prova de exame dessa língua era a que permitia os mais espantosos disparates dos examinandos. O aluno era normalmente incapaz de entender um texto; e porque o não entendia, o texto e a tradução propostos, talvez o professor a entendesse. No começo do meu fado pedagógico, a coisa divertia-me imenso e assim eu ia registando os resultados mais pândegos. Depois o hábito amorteceu-me o riso e nunca mais registei nada. Revolvo hoje papéis velhos e encontro um exemplo desse festival de cómico. Li-o a várias gerações de alunos para efeitos de riso e reflexão. Reproduzo-o hoje aqui para reflexão geral.

Tratava-se, se não estou em erro, de uma história, aliás, conhecida³⁹. Foi o caso que um homem (cristão?) encontrou um leão ferido ou com um espinho numa pata e que por esse homem foi tratado do incômodo. Tempos depois o homem foi lançado às feras. Ora entre essas feras estava o leão que ele tratara. Assim, ele o não molestou por ter reconhecido o seu benfeitor. Duas frases do texto perturbaram especialmente os alunos. São elas:

1 – Paulatim oculos ad contuendum leonem refert

O que significa mais ou menos: “Lentamente volta os olhos para fitar o leão.”

E eis agora a espantosa inventiva de alguns alunos:

- a) Vagarosamente retira o leão para contemplar-lhe os olhos.*
- b) Pouco a pouco, a olhar-lhe os olhos, leva consigo o leão.*
- c) Pouco a pouco, leva o leão consigo para lhe esmagar os olhos.*
- d) Paulatim (o advérbio tomado como nome próprio) achou conveniente esmagar os olhos ao leão.*
- e) Insensivelmente, pôs os óculos para contemplar o leão.*
- f) Pouco a pouco, olha para o contemplativo leão.*
- g) Pouco a pouco, os óculos dirigem-se para junto do leão.*
- h) Pouco a pouco, alcança o leão, pisando-o com os olhos.*
- i) Pouco a pouco, oferece em sacrifício ao leão os olhos para olhar.*

2 – Tum caudam more adulantium canum movet⁴⁰

O que significa aproximadamente: “Então (o leão) agita a cauda à maneira dos cães quando fazem festas.”

E eis o que daqui saiu:

- a) Então agita estupidamente a cauda para afagar o cano.*
- b) Então move a cauda veneranda.*
- c) Então, acariciando, tocou suavemente o cano com a cauda.*
- d) Então ao adolescente velho move brandamente a cauda.*
- e) Então moveu a cauda asnaticamente com lisonja ao cano.”*

³⁹ Trata-se da história de Ândroclo, relatada por Aulo-Gélio, *Noctes Atticæ* 5, 14, 5 ss.

⁴⁰ A frase completa diz (§12): *Tum caudam more atque ritu adulantium canum clementer et blande movet*. Talvez o passo estivesse ‘reduzido’ por razões pedagógicas: os alunos ainda não teriam dado a formação dos advérbios de modo nem a 4ª declinação...

Na literatura francesa, os testemunhos não são muito diferentes. Saborosa entre todas é a figura hilariante de um mestre de Anatole France (1844-1924), M. Chotard, que vivia mergulhado numa aura bélica que alastrava aos textos escolhidos e aos métodos usados. Mas o que mais toca a memória do autor é a lembrança da correcção de uma certa retroversão em que o professor misturava as frases proferidas por Décio Mure, antes de morrer, com as reprimendas e castigos que ia distribuindo entre os seus alunos, perdidos de riso. Recordemos o passo⁴¹:

“DERNIÈRES PAROLES DE DÉCIUS MUS

Près de se dévouer aux dieux Mânes⁴² et pressant déjà de l'éperon les flancs de son coursier impétueux, Décius Mus se retourna une dernière fois vers ses compagnons d'armes et leur dit:

‘Si vous n’observez pas mieux le silence, je vous infligerai une retenue générale. J’entre, pour la patrie, dans l’immortalité. Le gouffre m’attend. Je vais mourir pour le salut commun. Monsieur Fontanet, vous me copierez dix pages de rudiment. Ainsi l’a décidé, dans sa sagesse, Jupiter Capitolin, l’éternel gardien de la Ville éternelle. Monsieur Nozière, si, comme il me semble, vous passez encore votre devoir à M. Fontanet pour qu’il le copie, selon son habitude, j’écrirai à monsieur votre père. Il est juste et nécessaire qu’un citoyen se dévoue pour le salut commun. Enviez-moi et ne me pleurez pas. Il est inepte de rire sans motif. Monsieur Nozière, vous serez consigné jeudi. Mon exemple vivra parmi vous. Messieurs, vos ricanements sont d’une inconvenance que je ne puis tolérer. J’informerai M. le proviseur de votre conduite. Et je verrai, du sein de l’Élysée ouvert aux mânes des héros, les vierges de la République suspendre des guirlandes de fleurs au pied de mes images.’

J’avais, en ce temps-là, une prodigieuse faculté de rire. Je l’exerçai tout entière sur les dernières paroles de Décius Mus, et, quand, après nous avoir donné le plus puissant motif de rire, M. Chotard ajouta qu’il est inepte de rire sans motif, je me cachai la tête dans un dictionnaire et perdis le sentiment. Ceux qui n’ont pas été secoués à quinze ans par un fou rire sous une grêle de pensums ignorent une volupté.’

Também Marcel Pagnol (1895-1974), no 3º e 4º volumes das suas recordações de infância e juventude (*Le temps des secrets* e *Le temps des amours*), evoca o seu percurso, penoso e desconsolador, em matérias de ensino do latim. Sabemos assim do seu primeiro contacto com a língua,

⁴¹ Para o desenho da figura de M. Chotard, v. anexo 14.

⁴² M. Chotard tem em mente a *deutio* de um dos dois heróis romanos, pai e filho, com o mesmo nome. Em Tito Lívio, as palavras que proferiram encontram-se, respectivamente, em 8. 9. 6-8 e 9. 28. 13.

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

nas férias grandes⁴³, ainda antes de entrar na 6.^{ème}, pela mão de um tio que gostava de latim e se comprazia em ensiná-lo como lho haviam ensinado a ele. A essas primeiras lições assistia Joseph, o pai do escritor, que lhe garantia que “si l’on n’a appris que le français, on ne sait pas bien le français”. Ao miúdo pareceu completamente despropositado que uma flor, a inevitável *rosa*, tivesse nada menos que doze ‘nomes’. Explicada a razão da bizarria, concluiu de imediato que jamais aprenderia latim, mas, para fazer o gosto ao tio, aprendeu “comme un perroquet les douze cas de ‘Rosa la Rose’⁴⁴. Também nas férias entre a 6.^{ème} e a 5.^{ème} o tio veio interromper o repouso da criança da forma que ele, muitos anos depois, lembra:

“Puis, à six heures, l’oncle Jules venait me faire mon affaire, accompagné de Mucius Scævola, de Regulus, de Scipion Nasica, du Gérondif et du Supin. Pour comble de cruauté, son “exemple” favori était “Eo lusum”, “Je vais jouer”. Lui, ça lui plaisait. Mais je prenais, sans le vouloir, un visage si lugubre que l’oncle disait: “Décidément, tu ne veux pas mordre au latin?” Je ne répondais rien, mais c’est lui que j’avais envie de mordre.”

Na escola, Marcel não conseguia entender-se com as retroversões, mesmo sabendo de cor e salteado todas as regras e exemplos da gramática, que lhe atafulhavam a cabeça⁴⁵. Pelo caminho, encontra professores hediondos, como o ‘Socrate’ que não o deixa em paz, inquisidor e desconfiado quando ele faz alguns progressos, ou hilariantes⁴⁶, como o ‘Zizi’ que fazia do texto de César uma autêntica bíblia. Pagnol evoca, com humor:

“Ce César, c’était la religion de Zizi. Pareil à ces indigènes des îles du Pacifique, qui tirent du même palmier leurs palissades, leur toit, leur vin, leur pain, leurs flèches et leurs costumes, notre Zizi tirait de César nos explications de texte, nos versions, nos analyses grammaticales, nos leçons et nos punitions... Il en avait même fait un nom commun, et disait:

⁴³ V. anexo 15.

⁴⁴ O estafado paradigma da 1ª declinação, *rosa*, *-æ*, é motivo para um dos mais belos poemas de Jacques Brel. O tom do texto não destoa dos que aqui se sugerem, por isso o transcrevemos em anexo 16.

⁴⁵ V. anexo 17.

⁴⁶ V. anexo 18.

– Monsieur Schmidt, vous me ferez deux heures de retenue, et “un César”, ce qui signifiait: “Vous me traduirez un chapitre de César”...

Je fis au début de grands efforts pour participer à la conquête des Gaules: mais il était vraiment pénible de suivre les marches et les contremarches de ces massacrantés légions, à travers des forêts garnies de chevaux de frise, que protégeaient (en avant-postes) des escouades de participes futurs, flanqués de supins et de gérondifs, et dont on ne sortait que pour patauger dans les marécages où coassaient des chœurs d’ablatifs absolus”.

Curiosamente, o ponto de viragem nos maus resultados de Marcel Pagnol em latim coincidiu com o momento em que ele começou a fazer batota, ou melhor, quando passou a recorrer à ajuda do que vulgarmente chamamos ‘burro’. Ele conta-nos como foi:

“C’est alors qu’un événement fortuit transforma ma vie scolaire.

Lagneau – à qui sa mère donnait des fortunes, c’est-à-dire cinq franc par semaine – avait trouvé, dans la boîte d’un bouquiniste, trois fascicules de Buffalo Bill, au prix de un franc les trois. Il lui restait tout juste un franc, car il s’était gavé la veille de caramels mous; il s’empara aussitôt des fascicules, mais il découvrit au fond de la boîte un petit livre jauni par le temps, qu’il eut la curiosité d’ouvrir: c’était la traduction française des Commentaires de César, avec, en bas de page, le texte latin. Il n’hésita qu’une seconde, et sacrifia Buffalo Bill à Jules César, car il avait le sens des réalités, et le lendemain matin, à la première étude, celle de huit heures moins le quart, il déposa sur mon pupitre cette liasse de feuilles jaunies, qui allait être pour nous aussi utile qu’une rampe dans un escalier.

Il faut dire, sans modestie, que je sus m’en servir habilement.

Après avoir trouvé le chapitre d’où était extraite notre version latine de la semaine, j’en recopiais la traduction; mais afin de ne pas éveiller la méfiance maladroite de Zizi, je crédibilisais nos devoirs par quelques fautes.

Pour Lagneau, deux contresens, deux faux sens, deux “impropriétés”. Pour moi, un faux sens, une erreur sur un datif pris pour un ablatif, trois “impropriétés”.

Peu à peu, je diminuai le nombre de nos erreurs, et j’en atténuai la gravité. Zizi ne se douta de rien: un jour, en pleine classe, il nous félicita de nos progrès, ce qui me fit rougir jusqu’aux oreilles. Car j’avais honte de ma tricherie et je pensais avec une grande inquiétude à la composition, qui aurait lieu en classe, sous la surveillance de Zizi lui-même: le jour venu, il nous dicta une page de Tite-Live, et je fus d’abord épouvanté. Cependant, en relisant ce texte, il me sembla que je le comprenais assez bien, et j’eus une heureuse surprise lorsque je fus classé troisième, tandis que Lagneau était classé onzième. Je compris alors que mes tricheries m’avaient grandement profité, en développant mon goût du travail, et mon ingéniosité naturelle.”⁴⁷

⁴⁷ Ambos os passos pertencem a *Le temps des amours*.

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

E é assim que, nas férias seguintes, ele já se diverte a comunicar com um amigo, falando-lhe este em inglês e respondendo-lhe ele em latim:

*“Yves me parlait en anglais, je lui répondais en latin.
– How do they call a “cigale” in english?
– Eheu! Cicadae autem Britannis ignotae sunt! Cum fabulam La Fontis traducunt, cicada “grasshopper” vocatur.
– This is nonsense!
– Optime! Quia “grasshoppers” locustae sunt!
Nous étions assez fiers d’échanger un anglais incertain, contre un latin macaronique – mais je dois dire que, grâce à ce cabotinage pédantesque, qui exigeait une continuelle tension de l’esprit, nous fîmes de très grands progrès dans ces deux langues; car nous voulions nous étonner l’un l’autre: le grand moteur de la jeunesse, c’est la vanité.”*

Mas, para atingir este ‘estado’, quanto não teve o pobre de padecer...

O que ficou então?

Perguntar-se-á: então não fica nada dos anos em que se estudou latim, a não ser a lembrança de um calvário insuportável de regras e exceções? Nas recordações só prevalece o gosto amargo de uma matéria odiada e de professores incompetentes, execráveis e mesquinhos?⁴⁸ O latim não servirá mesmo para nada?

É ainda à literatura que vou buscar resposta para estas questões. É verdade que a uns tudo se lhes varre da memória, qual estigma de que a custo se libertam, como o pároco que João de Deus dizia ser, “em latim de padre”, “um provérbio” e que se lastimava de já nem saber declinar um advérbio⁴⁹. Mas também é verdade que, quando se conseguiu alcançar aquele que deve ser o objectivo primeiro do ensino das línguas clássicas,

⁴⁸ Perdoe-se-me a nota pessoal e registre-se a homenagem aos vários bons professores de Latim e Grego que tive, de que aqui evoco apenas a Prof^ª Doutora Maria Isabel Rebelo Gonçalves e a Dr^ª Maria da Conceição Lourinho Soares Machado. É talvez muito à competência e formação humana de ambas que devo, em grande parte, o amor que tenho às ‘coisas clássicas’.

⁴⁹ O poema intitula-se ‘Acéfalo’ e reza: “Dizia um dia um pároco instruído / E que em latim de padre era um provérbio: / ‘Latim que eu soube já! tudo hei perdido! / Nem já sei declinar um advérbio.’”

a leitura dos textos e a memória deles, em muitos outros fica o gosto pelos autores a que continuamente se regressa, por vezes revelados em diferente perspectiva daquela que antes se teve. Fica o respeito e o gosto pelo que eles transmitem, num processo de reconhecimento do que em nós pervive dos que nos precederam. Por isso me revejo na leitura de passos como os de Vergílio Ferreira sobre Quintiliano, Plínio-o-Moço, Horácio, Tibulo e Propércio⁵⁰, ou em excertos do *Diário* de Miguel Torga sobre Plauto, Séneca, Adriano e Antínoo, a *uilla* de Torre de Palma em pleno Alentejo⁵¹, mesmo que a perspectiva de um e de outro nem sempre seja a mais entusiástica, ou ainda em alusões inesperadas em obras como a de Pedro Paixão a autores⁵² ou mitos clássicos. E isto apenas a um nível que é o da referência directa, explícita, à presença da cultura clássica na cultura dos nossos dias, pondo de parte todas as influências e intertextualidades entre os autores de ontem, os gregos e os latinos, e os de hoje.

Gostaria, porém, de terminar com a resposta, na literatura, para a última das perguntas que acabei de fazer: o latim não servirá mesmo para nada? Os textos que proponho levam-nos a uma conclusão curiosa: se para nada mais servir, pode, pelo menos, ser um bom código entre namorados ou uma excelente forma de pregar partidas aos amigos mais desprevenidos...

No romance *Na tua face*, Vergílio Ferreira apresenta-nos dois apaixonados, que entretanto acabaram o namoro, ambos candidatos a classicistas. Ora, as cartas que ele enviava à amada, como ela própria diz, por uma questão de falta de coragem e frontalidade eram escritas em latim. E são essas cartas que vão despertar a curiosidade e o ciúme, pois se tornam ininteligíveis e podem esconder sabe-se lá o quê, de um outro namorado que entretanto a jovem arranja. Veja-se o passo (cap. III):

“Era em cartão verde-pálido a pasta e abria em dobras para os lados. E logo que a abri, estampou-se-me a cara de um tipo –donde é que eu te conheço? Tinha um esquadro frio de pedra, óculos doutorais de tartaruga grossa e um cabelo curto espetado. Tomei a fotografia quase a medo, fitei-a

⁵⁰ V., respectivamente, os anexos 19, 20, 21 e 22.

⁵¹ V., respectivamente, os anexos 23, 24, 25 e 26.

⁵² V. anexo 27.

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

intensamente para lhe entender o interior. Mas era de mármore, coisa maciça, por dentro só tinha pedra também. Então virei-a. E ao fundo havia uma dedicatória em letra de calígrafo, com uma precisão e firmeza litográfica. E sintética como as frases históricas. Dizia assim – Tibi ex corde / Horatius. Depois tomei o maço de folhas em tom cinzento-claro, escritas de alto a baixo na mesma letra caligráfica. Eram dez, Ângela pregara ao alto da primeira uma pequena folha branca com essa indicação. E comecei logo a ler essa primeira. Dizia em cima Horatius Angelæ dilectæ s. p. d. E depois começava Has litteras, quas libenter accipias velim, latine componere institui, nam mihi dubitanti an recte id consequi possim, etiam mihi id experiri perutile visum est. É boa. Em latim? Ela tinha tido um namorado em latim. Como diabo o amor podia atravessar a selva das regras e excepções? E de súbito pus-me a ter ciúmes também em latim. Lancei-me então à procura nas dez folhas de qualquer expressão ou palavra mais ardente que eu entendesse. Mas tinha tudo o incompreensível dos milénios. E que tinha eu que ver com os amores em Roma ou Pompeia? Ângela e Horácio tinham sido decerto descobertos em alguma escavação. Em todo o caso, tentei ainda. Devia haver em qualquer parte a palavra amor, que era decerto entendível em latim e me começava a inquietar, agora assim desenterrado dos dois mil anos que o cobriram. Mas não achei. Fui tropeçando em coisas bárbaras como Quorsus hoc proëmium? dicas. At ego não sei quē ut tot dies sine litteris meis patiaris. E havia palavras em grego. Uma ou outra como photographia era dos meus possíveis linguísticos. E houve uma que me incomodou. Era ardeo por se ver logo que tinha fogo dentro. Procurei os finais de algumas cartas, que é o que melhor nos assenta como a sobremesa. Mas só houve um que me incomodou um pouco. Dizia vale como todas as outras, mas havia agora um acrescento que era assim – Fac gravis prudensque sis, intellexistine? E o prudensque sublinhado. Coisa suspeita. Parecia-me óbvio que se falava aqui de “prudência”. E o intellexistine deu-me a ideia de uma piscadela de olho no género de vê se me entendes. (...)

O pátio tinha resguardos de buxo e sentámo-nos a um canto num banco sob uma árvore de sombra. E imediatamente Ângela começou a explicar. Tive um namoro, durou seis meses, acho que lhe devia dizer. Mas em latim, Ângela, eu não sei latim. Pois. Em latim. O Horácio era meu colega e pouco corajoso, pouco frontal. O latim defendia-o da falta de coragem mas ele dizia que era para se treinar. E é um latim fraco, naturalmente. Mas eu não sei latim, insisti intrigado e já um pouco divertido. Decerto. Mas podia pedir a alguém que lhe traduzisse. Ou se quisser traduzo-lhe eu. Desejava era que tudo ficasse bem claro entre nós desde o princípio.”

O segundo texto, de Jules Romains (1885-1972), em *Les copains* (cap. II), mostra-nos dois jovens amigos, Broudier e Bénin, companheiros

de há muito. Broudier combina um dia que o amigo virá ter com ele, num determinado comboio. Bénin vai e, quando chega à terrinha onde Broudier o espera, depara com uma recepção oficial, encabeçada pelo amigo, com fanfarra e tudo. Broudier saúda-o, em latim, e explica-lhe então que todos aqueles parolos que o esperam pensam que ele é um adido do czar da Rússia, que se digna visitá-los. A conversa entre os amigos estabelece-se sempre em latim, que os outros julgam ser russo, e é nessa língua que Bénin, embora mantendo o jogo, vai insultando o amigo, com palavras que Broudier se apressa a traduzir, a seu jeito, para os pacóvios embasbacados. Vale a pena saborear o passo:

“Au même instant une puissante musique éclata dans le hall. Bénin reconnut la Marseillaise. Il poussa la portière, sauta sur le quai.

En face de lui, à quelque distance, rangés sur le trottoir, cinq personnages, vêtus de redingotes, enlevèrent du même geste leurs chapeaux de soie.

L’un d’eux fit trois pas en avant. N’était-ce pas Broudier? C’était Broudier.

Il avait une redingote pisseuse, trop large à la taille, trop étroite aux épaules; et un chapeau de soie qui semblait un gibus greffé sur un bicorne.

Broudier souriait, d’un sourire officiel. Son oreille paraissait s’incliner du côté de l’hymne national.

Bénin regarda vers la gauche. Douze hommes vêtus comme des facteurs soufflaient dans les cuivres. Le hall gémissait de leur violence. Mais la péroraison de l’hymne éclata. Et il y eut soudain un silence stupide.

Boudrier ouvrit la bouche:

– Cave, amicorum optime – commença-t-il d’une voix forte – ne vividius patefacias, quantum fragrantis illos contentus, istorum præsentiam habitum meum, denique cunctum apparatus illum mireris! Namque satis sit te minimo cachinno vel uno temporis momento discuti ut totum meum consilium, studiose et negotiose instructum, haud aliter ac procellis cymba diruatur.

“Cave, igitur, ne te in hilaritatem effundas! Etenim isti persuasum habent te apud Scytharum regem, quem Tsarem vocant, præstantissimo officio præfectum esse. Idcirco villulæ hujus senatui placuit, maximos quidem honores ante pedes tuos quasi sternere, nec dubitaverunt et gibos suos et solemnes vestes induere.

“Hercle oportet, amice, superbum vultum, minax supercilium, ferocem oculum præbeas, quæ omnia dignitati tuæ admodum congruunt.

“At timido intuitu infulas istas despicias quibus crura tua arte involvuntur? Quasi non curassem satellites meos de mirando Scytharum cultu et habitu et moribus præmonere!”

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

Broudier toussa, et reprit avec une vigueur accrue, tandis que, derrière lui, les quatre délégués, paralysés par l'admiration, gardaient l'œil fixe, et laissaient échapper de leurs lèvres un peu de bave:

– Sed paucis verbis utar. Quæso caput erigas; atrox nec non quodam modo benignum lumen circumspargas. Et veterem tuam in latino sermone excellentiam renovans, strepente simul ac numerosa voce, Scythica simul ac Tulliana eloquentia ferream simul ac vitream loci illius vastitatem impleas!

Sur ces mots retentissants, Broudier s'inclina jusqu'à terre.

“Il ne manque pas d'un certain sans-gêne, se disait Bénin. Comme si cette grotesque réception ne suffisait pas... Il m'abrutit d'un discours cicéronien... Me faire passer pour un conseiller du tsar, c'est de la démente... Avec des jambières... il a beau dire. Tous ces gens-là se paient ma tête.”

Mais le silence de tous était si avide de paroles que Bénin se décida à l'assouvir. Il ne parla pas, il cria:

– Haud nescio qua astutia cares, porcorum turpissime!

– Intellego, fit Broudier en s'inclinant.

Puis, s'étant retourné vers les personnages de sa suite:

– Voici, messieurs, la traduction des paroles que M. le conseiller à la Cour de Russie daigne proférer en réponse à mes modestes souhaits de bienvenue:

“Bien cher monsieur, on ne peut certes dire que vous manquez de courtoisie!

Bénin reprit:

– Quod si pugnum meum non cohiberem, gulam tuam subito ictu sane affligerem!

– Si je ne retenais pas l'élan de ma gratitude, traduisit Broudier, je me permettrais de vous donner l'accolade.

– Me quidem per fœdissimum dolum induxisti, ad grabatulum meum intempestiva nocte deserendum.

– Par la plus aimable des contraintes, vous m'avez fait quitter le lit de la Néva.

– Cum superatis ingentibus periculis in dictum quadrivium irruerem, horrido cuidam seniculo occurri, qui me insanis versibus contudit.

– Ce n'est pas sans avoir vaincu les plus grands périls que nous arrivons au carrefour de la vie, et que nous atteignons à la vieillesse pour devenir enfin la proie des vers.

Les quatre délégués hochèrent la tête avec componction, et laissèrent paraître qu'ils tenaient en grande estime la sagesse de ce Russe.

– Attamen, gémit Bénin, tanta amentia captus sum, ut pagum istum peterem.

– *Je me félicite, messieurs, de l'inspiration heureuse qui m'a conduit à cette magnifique cité.*

– Te tandem reperio, marcidum lenonem, qui meam, ut ita dicam, bobinam toties irrisisti!

– *Je vous retrouve enfin, martial intermédiaire, qui avez tant de fois égayé le sombre écheveau de mes jours.*

– Merdam! Merdam! hurle Bénin exaspéré.

– Salut! Salut! cria le traducteur.

– *Utinam aves super caput tuum cacent!*

– *Que les oiseaux du ciel répandent leur bénédiction sur votre tête!*

Bénin se tut. Broudier fit un signe. Et la fanfare attaqua l'Hymne russe qui se défendit bien."

Não me parece assim que seja de temer o pior, o tão anunciado fim das línguas clássicas e da presença da cultura greco-latina como fundamento da nossa identidade cultural. Quando, nas minhas leituras dos tempos de ócio, abro um livro como *The english patient* de Michael Ondaatje, e aí vejo que as *Histórias* de Heródoto eram o livro de cabeceira, transformado em diário, do protagonista (e não será simbólico que esse livro tenha resistido ao incêndio do avião?), quando leio nas *Lettres de mon moulin* de Alphonse Daudet a história dos faroleiros que tinham, por única e sempre saboreada leitura das noites de vigília, a obra de Plutarco⁵³, quando ouço na voz da cantora Enya o verso de Horácio, *omnem crede diem tibi diluxisse supremum*⁵⁴, ou quando leio um poeta como Vasco Graça Moura, na sua recente e premiada *Uma carta no*

⁵³ Trata-se do conto 'Le phare des sanguinaires'.

⁵⁴ *Epist.* 1. 4. 13. A faixa pertence ao C.D. *The memory of trees*. Em *Watermark* e *Shepherd moons*, bem como no recente *A day without rain*, Enya canta, também em latim, as faixas 'Cursum perficio', 'Afer ventus', e 'Tempus vernum', respectivamente. Para evocar um exemplo português, veja-se o lugar do latim na obra musical de Rodrigo Leão. Lembremos ainda o belíssimo libreto, da autoria de Herman Portocarero (para música de Nicholas Lens), de *Flamma Flamma. The fire Requiem*, editado em 1994.

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

inverno que escolhe Ovídio como guia, ainda que em edição bilingue, para compor o seu belíssimo poema *Píramo e Tisbe*, quando um desses momentos, não tão raros quanto isso, me acontecem, então sei ‘que estou em casa’, que encontrei mais um membro de um restrito, talvez, mas muito privilegiado grupo, o dos que amam as coisas clássicas e nelas encontram uma das fortes razões para amar a vida.

Anexo 1

Je voudrais premièrement bien savoir ma langue, et celle de mes voisins où j'ai plus ordinaire commerce. C'est un bel et grand agencement sans doute que le grec et le latin, mais on l'achète trop cher. Je dirai ici une façon d'en avoir meilleur marché que de coutume, qui a été essayée en moi-même. S'en servira qui voudra.

Feu mon père, ayant fait toutes les recherches qu'homme peut faire, parmi les gens savants et d'entendement, d'une forme d'institution exquise, fut avisé de cet inconvénient qui était en usage; et lui disait-on que cette longueur que nous mettions à apprendre les langues qui ne leur coûtaient rien est la seule cause pour quoi nous ne pouvions arriver à la grandeur d'âme et de connaissance des anciens grecs et romains. Je ne crois pas que ce en soit la seule cause. Tant y a que l'expédient que mon père y trouva, ce fut que, en nourrice et avant le premier dénouement de ma langue, il me donna en charge à un Allemand (...), du tout ignorant de notre langue, et très bien versé en la latine. (...) Il en eut aussi avec lui deux autres moindres en savoir pour me suivre, et soulager le premier. Ceux-ci ne m'entretenaient d'autre langue que latine. Quant au reste de sa maison, c'était une règle inviolable que ni lui-même, ni ma mère, ni valet, ni chambrière, ne parlaient en ma compagnie qu'autant de mots de latin que chacun avait appris pour jargonner avec moi. C'est merveille du fruit que chacun y fit. Mon père et ma mère y apprirent assez de latin pour l'entendre, et en acquirent à suffisance pour s'en servir à la nécessité, comme firent aussi les autres domestiques qui étaient plus attachés à mon service. Somme, nous nous latinisâmes tant, qu'il en regorgea jusques à nos villages tout autour, où il y a encore, et ont pris pied par l'usage plusieurs appellations latines d'artisans et d'outils. Quant à moi, j'avais plus de six ans avant que j'entendisse non plus de français ou de périgourdin que d'arabesque. Et, sans art, sans livre, sans grammaire ou précepte, sans fouet et sans larmes, j'avais appris du latin, tout aussi pur que mon maître d'école le savait: car je ne le pouvais avoir mêlé ni altéré.

Montaigne, "De l'institution des enfants", *Essais* I 26

Anexo 2

Oh! como folgo de ver uma mulher ignorar aquilo que não é razão saber, mas que verdadeiramente o saiba! Acho grande perfeição quando erram aquelas coisas que lhes podiam pôr imperfeição, se as acertassem.

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

Entenda a mulher como mulher; seja tal sua lição quando ler, sua prática quando praticar, e tal o mesmo que se lhe ler, e que se lhe praticar.

Pois comecei com os meus adágios, hei-de acabar com eles. Ouvi um dia caminhando, e não era ele menos que a um chapado recoveiro (veja V. m. que enjeitei os filósofos, para citar estes autores) enfim ouvi-lhe que Deus o guardasse de mula que faz *him*, e de mulher que sabe latim. O riso e o gosto com que lhe escutei esta engraçada sentença me faz agora lembrar dela: não se julgue por indecente, se é proveitosa. O ponto está em que o latim não é o que dana; mas que consigo traz de outros saberetes envolto àquele saber.

Já que estou ao fogo, e como desde este lugar falo a V.m., e V.m. me ouve, e me perdoa, irá outra não pior história. Confessava-se uma mulher honrada a um frade velho, e rabugento; e como começasse a dizer em latim a confissão, perguntou-lhe o confessor: Sabeis latim? Disse-lhe: Padre, criei-me em mosteiro. Tornou-lhe a perguntar: Que estado tendes? Respondeu-lhe: Casada. A que tornou: Onde está vosso marido? Na Índia, meu Padre (disse ela). Então com agudeza repetiu o velho: Tende mão, filha: sabeis latim, criastes-vos em mosteiro, tendes marido na Índia? Ora ide-vos embora, e vinde cá outro dia, que vos é força que tragais muito que dizer, e eu estou hoje muito de pressa.

D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*, cap. XXII

Anexo 3

Achava-me eu em uma parte, em que certo M. de Filosofia, para examinar um rapaz, mandou-lhe traduzir aquelas palavras de S. Paulo ad Cor. *Æmulor enim vos Dei æmulatione* etc., que era o capítulo da Hora que estava rezando. O rapaz, que não era mau estudante, traduziu literalmente; mas, como não fazia bom sentido, o Mestre dito deu grandes risadas e fez escárnio do rapaz. Eu calei-me por prudência; mas tive meus ímpetos de lhe dizer: – V. P. ri-se de um pobre rapaz, que não é obrigado a saber o sentido da Escritura, nem os *hebraísmos* que se acham na Vulgata; e eu apostarei que V. P. é o primeiro que não entende o que nisto diz S. Paulo. Com efeito, se eu apertava os negalhos, estava certo que seria mui mau intérprete da dita Epístola. O certo é que não há maior parvoíce que mandar traduzir palavras obscuras, e que esta *pedanteria* se devia desterrar de lugares onde se sabe falar. Além disto, é obrigado o estudante a compor vários períodos, a que chamam *orações*; repetir uma quantidade de regras latinas e portuguesas; e, se o pobre rapaz não pode responder a tudo, em vez de lhe aliviar o peso e mostrar-lhe a estrada e animá-lo a prosseguir-la, dão-lhe muita palmatoada, e

obrigam-no a odiar todo o género de estudos, de que nasce aquela grande ignorância que se observa nestes países.

Daqui fica claro que, com tal método, pouco se pode saber de Latim. É lástima que os Professores não cheguem a conhecer, por uma vez, o ridículo deste costume. Todos os primeiros estudos naturalmente desagradam, porque são cansados. E para que havemos de enfastiar mais os pobres rapazes? (...) E não acha V. P. que é uma crueldade castigar rigorosamente um rapaz, porque não entende logo a língua latina, que de si mesmo é dificultosa e ainda o parece mais na confusão com que lha explicam? Isto é o mesmo que meter um homem em uma casa sem luz, e dar-lhe pancadas, porque não acerta com a porta. (...)

É necessário ter muita paciência com os rapazes, e ensiná-los bem, não seguindo a opinião daquele Bispo de Viseu, D. Ricardo Rosel, que em um exame reprovou 16 estudantes a fio, porque pronunciaram *Idolum* com a segunda breve. Isto só faz quem não conhece o que deve. Um homem pode ignorar a quantidade de muitas sílabas, e ser um grande Latino. Todos os dias se oferecem dúvidas na quantidade delas aos homens doutos (...).

Acho ainda outro inconveniente para saber Latim, praticado nas escolas, que é compor muito naquela matéria que entendem mui pouco. Um pobre estudante ainda não entende Latim, e já lhe dão vários temas, que são certas orações vulgares, para traduzir na língua latina; ou dão a oração portuguesa, com partes latinas; ou uma sentença latina, para eles a dilatarem e provarem. Mas um e outro método é um erro maciço. Que coisa boa há-de fazer um rapaz que ainda não sabe Latim? (...)

Onde a minha regra geral é esta: Quando ouço um Mestre, que, explicando livros eloquentes, traduz assim: *Petrus*, Pedro; *Amat*, ama; *Joannem*, a João; sem mais outro exame assento que não sabe Latim.

Luis António Verney, *Verdadeiro Método de Estudar* (Carta Terceira)

Anexo 4

Estudamos com tanto apuramento
Clássicos gregos, clássicos latinos,
Línguas, em que, apesar de ímprobo estudo,
Seremos sempre broncos aprendizes;
Nem, quando bem queimadas as pestanas,
Mirrássemos em ler pecos Nolténios,
Scholiastes decrépitos e escuros,
Não nos cabe falá-las coa franqueza
Dos antigos Romanos; quando muito,

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

Falaremos latim, como falava
Entre nós certo inglês, que muitos anos
Em Lisboa viveu e me dizia,
Mui sério – *Mim quer vai a Rata* –, crendo
Que dava um puxo bom na língua lusa.
Nós, quando à força de amplos dicionários,
De gramáticas, de áridos comentários,
Novos Manúcios, Fabros ou Resendes,
Greguíssimos Scalígeros da gema,
Gaguejemos latim a Plauto, a Horácio,
E grego a Homero, a Píndaro – ririam
Da nossa arrogantíssima impotência;
E, sem nos compreender, nos deixariam
Latinizar e gaguejar a frouxo,
Nas teses, nos umbráteis colégios.

Filinto Elísio, *Carta ao Senhor Francisco José Maria de Brito*, VI

Anexo 5

Nisto interrompeu o discurso de política transcendente, para pesar meia onça de raspa de veado, e onça e meia de óleo de rícino, e depois continuar:

– Muito se há-de ver em pouco tempo! O latim há-de deixar de ser língua morta.

– Ah! pois ainda viremos a falar latim!

– Decerto. Isso depois é questão de anos. Em França já se estão organizando os estudos dos liceus nesse sentido.

– Não será então mau irmos desde já recordando o há muito abandonado *Novo Método*⁵⁵!

– Abandonado? Não por mim, que nunca dei de mão ao estudo dos clássicos latinos.

Era esta outra corda sensível do pobre homem: supunha-se um profundo latinista, não obstante as continuadas silabadas com que deixava a escorrer sangue a língua de Cícero e de Virgílio. Desculpe-se-me a ambiguidade da expressão.

Júlio Dinis, “O espólio do Senhor Cipriano” in *Serões da Província*, cap. VIII

⁵⁵ O compêndio de gramática do P^e António Pereira de Figueiredo, *Novo Método de Gramática Latina*, expressamente composto para a Reforma pombalina e adoptado como manual obrigatório em 1759.

Anexo 6

O corrido estudante tinha desaparecido, não só porque se via embaraçado em responder às zombarias da importuna rapariga, mas porque o mestre, ouvindo-o falar, vinha de manso espreitar com quem era. O zeloso professor apareceu no muro e ainda viu as duas meninas, que se retiravam em grandes gargalhadas. Enfurecido com a audácia do lorpa, como ele generosamente o intitulava, foi ter com ele explicações acerca de tal conversa.

- Que dizias tu àquelas meninas?
- Eu, nada... Eram elas que...
- Que... o quê? Que te diziam elas?
- Elas diziam que...
- Acaba daí, selvagem!
- Eu estava ali a estudar a selecta primeira, e elas disseram-me que...
- Estás zombando comigo?
- Perguntaram-me se eu era...
- Um burro? E tu disseste-lhe que sim.
- Não foi isso... perguntaram-me se...
- És um asno quadrado! Ouviste, lorpa? Se te vir outra vez a falar com as vizinhas, escangalho-te as mãos! Não tens habilidade para traduzir *mundus a Domino constitutus est*, e sabes dar trela às raparigas? Ora deixa estar que te farei a cama!...

A crise passou, e José Bento nesse dia apenas teve, como era de costume, um bofetão e um puxão de orelhas, por causa do imperativo *laudandum*. (...)

O enfiado mestre foi cevar as iras impotentes no pobre moço, que levou a pontapés para o quarto.

Camilo Castelo Branco, *A filha do arcediogo*, cap. VII

Anexo 7

Vem hum Corregedor, carregado de feitos, e, chegando à Barca do Inferno, com sua vara na mão, diz:

- COR. Hou da barca!
- DIA. Que quereis?
- COR. Está aqui o Senhor Juiz.

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

- DIA. Ó amador de perdiz,
quantos feitos que trazeis!
- COR. No meu ar conhecereis
que eles não vêm de meu jeito.
- DIA. Como vai lá o direito?
- COR. Nestes feitos o vereis.
- DIA. Ora, pois, entrai, veremos
que diz i nesse papel.
- COR. E onde vai o batel?
- DIA. No Inferno vos poremos.
- COR. Como! À terra dos demos
há-de ir um Corregedor?
- DIA. Santo descorregedor,
embarcai, e remaremos!
Ora entrai, pois que viestes.
- COR. *Non est de regula juris*, não.
- DIA. *Ita! Ita!* Dai cá a mão:
remareis um remo destes.
Fazei conta que nascestes
pera nosso companheiro.
– Que fazes tu, barzoneiro?
Faze-lhe essa prancha prestes!
- COR. Oh, renego da viagem,
e de quem me há-de levar!
Há aqui meirinho do mar?
- DIA. Não há cá tal costumagem.
- COR. Não entendo esta barcagem,
nem *hoc non potest esse*.
- DIA. Se ora vos parecesse
que não sei mais que linguagem.
Entrai, entrai, Corregedor!
- COR. Hou, *videtis qui petatis?*
Super jure majestatis
tem vosso mando vigor?
- DIA. Quando éreis ouvidor
nonne accipistis rapina?
– Pois ireis pola bolina
onde nossa mercê for.

- Oh que isca esse papel,
pera um fogo que eu sei!
- COR. *Domine, memento mei!*
- DIA. *Non est tempus, bacharel!*
Imbarquemini in batel,
quia judicastis malitia.
- COR. *Semper ego in justitia*
feci, e bem por nível.
- DIA. E as peitas dos Judeus
que vossa mulher levava?
- COR. Isso eu não no tomava;
eram lá percalços seus:
non sunt peccatus meus,
peccavit uxor mea.
- DIA. *Et vobis quoque cum ea;*
nemo timuistis Deus.
A largo modo *acquiristis*
sanguinis laboratorum,
ignorantes peccatorum.
Ut quid eos non audistis.
- COR. Vós, arrais, *nonne legistis*
que o dar quebra os penedos?
Os direitos estão quedos,
si aliquid tradidistis.
- DIA. Ora entrai nos negros fados:
ireis ao lago dos cães,
e vereis os escrivães
como estão tão prosperados. (...)
- DIA. Pois porque não embarcais?
- COR. *Quia esperamus in Deo.*
- DIA. *Imbarquemini in barco meo!*
para que *speratis* mais?
- Vão-se à Barca da Glória, e diz o Corregedor:*
- COR. Hou arrais dos gloriosos,
passai-nos nesse batel!
- ANJO Oh pragas pera papel,
pera as almas odiosos!

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

Como vindes preciosos,
sendo filhos da ciência!

COR. Oh, *habeatis* clemência,
e passai-nos como vossos!...

PARVO Hou homens dos breviairos,
rapinastis coelhorum,
et pernīs perdigotorum,
e mijais nos campanairos!

COR. Anjos, não seiais contrairos,
pois não temos outra ponte.

PARVO *Beleguinis ubi sunt?*
Ego latinus macairos.

ANJO A justiça divinal
vos manda vir carregados,
porque vades embarcados
nesse batel infernal.

Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno* (cenas IX e X)

Anexo 8

MESTRE FERNANDO – Oulá, que he isto? que he isto?
BRÁSIA DIAS – Venhades com Jesu Cristo,
Mestre Fernando amigo:
Quem vos chamou pera isto?
MESTRE FERNANDO – Porque! sou de palha eu?
BRÁSIA DIAS – Vós sodes surlugião.
MESTRE FERNANDO – Não está ferido?
BRÁSIA DIAS – Não.
MESTRE FERNANDO – Pois que foi?
BRÁSIA DIAS – Mal que lhe deu.
MESTRE FERNANDO – Eu também Físico sam:
Tanto sei ca como lá.
Oulá, que he isto? dormis?
CLÉRIGO – Ay!
MESTRE FERNANDO – De que vos sentis?
Mostrae esse braço ca.
Isto procede dos rins,
Ou pulso cordiz será.
Mijastes no ourinol,
Que vos faça boa prol?

BRÁSIA DIAS – Não.

MESTRE FERNANDO – Pois sem isso quem saberá

Se he da chuva, se do sol?

Dizem os nossos doutores –

Ouvi-lo? ouvis que vos digo? –

Non es bona purgatio, amigo,

Illa qui incipit cum dolores,

Porque traz flema comsigo,

E illa qui incipit tarantran,

Quia tranlarum est.

Ouvi-lo? De fisico sam eu mestre,

Mais que de surlugião,

Em que me chamão sudeste.

Gil Vicente, *Farsa dos Físicos*

Anexo 9

SGANARELLE – (...) Pour revenir donc à notre raisonnement, je tiens que cet empêchement de l'action de sa langue est causé par de certaines humeurs, qu'entre nous autres savants nous appelons humeurs peccantes; peccantes, c'est-à-dire... humeurs peccantes; d'autant que les vapeurs formées par les exhalaisons des influences qui s'élèvent dans la région des maladies, venant... pour ainsi dire... à... Entendez-vous le latin?

GÉRONTE – En aucune façon.

SGANARELLE, *se levant avec étonnement*. – Vous n'entendez point le latin!

GÉRONTE – Non.

SGANARELLE, *en faisant diverses plaisantes postures*. – *Cabricias arci thuram, catalamus, singulariter, nominativo hæc “la Muse”, bonus, bona, bonum, Deus sanctus, estne oratio latinas? Etiam “oui”. Quare, “pourquoi”? Quia substantivo et adjectivum concordat in generi, numerum, et casus.*

GÉRONTE – Ah! que n'ai-je étudié?

JACQUELINE – L'habile homme que velà!

LUCAS – Oui, ça est si biau que je n'y entends goutte.

SGANARELLE – Or ces vapeurs dont je vous parle venant à passer, du côté gauche, où est le foie, au côté droit, où est le coeur, il se trouve que le poumon, que nous appelons en latin *armyan*, ayant communication avec le cerveau, que nous nommons en grec *nasmus*, par le moyen de la veine cave, que nous appelons en hébreu *cubile*, rencontre en son chemin lesdites

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

vapeurs, qui remplissent les ventricules de l'omoplate; et parce que lesdites vapeurs... comprenez bien ce raisonnement, je vous prie; et parce que lesdites vapeurs ont une certaine malignité... Écoutez bien ceci, je vous conjure.

GÉRONTE – Oui.

SGANARELLE – Ont une certaine malignité, qui est causée... Soyez attentif, s'il vous plait.

GÉRONTE – Je le suis.

SGANARELLE – Qui est causé par l'âcreté des humeurs engendrées dans la concavité du diaphragme, il arrive que ces vapeurs... *Ossabundus, nequeys, nequer, potarinum, quipsa milus*. Voilà justement ce qui fait que votre fille est muette.

Molière, *Le médecin malgré lui*, Acto II, Cena IV

Anexo 10

ARGAN – Je vous prie, monsieur, de me dire un peu comment je suis.

MONSIEUR DIAFOIRUS, lui tâte le pouls. – Allons, Thomas, prenez l'autre bras de monsieur, pour voir si vous saurez porter un bon jugement de son pouls. *Quid dicis?*

THOMAS DIAFOIRUS – *Dico* que le pouls de monsieur est le pouls d'un homme qui ne se porte point bien.

MONSIEUR DIAFOIRUS – Bon.

THOMAS DIAFOIRUS – Qu'il est duriuscule, pour ne pas dire dur.

MONSIEUR DIAFOIRUS – Fort bien.

THOMAS DIAFOIRUS – Repoussant.

MONSIEUR DIAFOIRUS – *Bene*.

THOMAS DIAFOIRUS – Et même un peu caprisant.

MONSIEUR DIAFOIRUS – *Optime*.

Molière, *Le malade imaginaire*, Acte II scène VI

Anexo 11

Troisième intermède

C'est une cérémonie burlesque d'un homme qu'on fait médecin en récit, chant et danse.

Entrée de ballet

Plusieurs tapissiers viennent préparer la sale et placer les bancs en cadence. Ensuite de quoi toute l'assemblée, composée de huit porteseringues, six apothicaires, vingt-deux docteurs, et celui qui se fait recevoir médecin,

huit chirurgiens dansants et deux chantants. Chacun entre et prend ses places selon son rang.

PRÆSES

Savantissimi doctores,
Medicinæ professores,
Qui hic assemblati estis,
Et vos, altri messiores
Sententiarum Facultatis
Fideles executores,
Chirurgiani et apothicari,
Atque tota compania aussì,
Salus, honor et argentum,
Atque bonum appetitum.
Non possum, docti confreri,
En moi satis admirari
Qualis bona inventio
Est medici professio;
Quam bella chosa est et bene trovata,
Medicina illa benedicta,
Quæ, suo nomine solo,
Surprenanti miraculo,
Depuis si longo tempore,
Facit à gogo vivere
Tant de gens omni genere.
Per totam terram videmus
Grandam vogam ubi sumus,
Et quod grandes et petiti
Sunt de nobis infatuti:
Totus mundus, currens ad nostros remedios,
Nos regardat sicut deos,
Et nostris ordonnanciis
Principes et reges soumisos videtis.
Donque il est nostræ sapientiæ,
Boni sensus atque prudentiæ,
De fortement travailler
A nos bene conservare
In tali credito, voga et honore,
Et prendere gardam à non recevoir
In nostro docto corpore

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e
agentes de ensino

Quam personas capaces,
Et totas dignas remplire
Has plaças honorabiles.
C'est pour cela que nunc convocati estis,
Et credo quod trovabitis
Dignam materiam medici
In savanti homine que voici,
Lequel, in chosis omnibus,
Dono ad interrogandum
Et à fond examinandum
Vostris capacitatibus.

PRIMUS DOCTOR

Si mihi licentiam dat dominus præses,
Et tanti docti doctores,
Et assistantes illustres,
Très savanti bacheliero,
Quem estimo et honoro,
Domandabo causam est rationem quare
Opium facit dormire.

BACHELIERUS

Mihi a docto doctore
Domandatur causam et rationem quare
Opium facit dormire?
A quoi respondeo
Quia est in eo
Virtus dormitiva,
Cujus est natura
Sensus assoupire.

CHORUS

Bene, bene, bene, bene respondere:
Dignus, dignus est intrare
In nostro docto corpore.
Bene, bene respondere.

SECUNDUS DOCTOR

Cum permissione domini præsidis,
Doctissimæ Facultatis,
Et totius his nostris actis

Companiæ assistantis,
Domandabo tibi, docte bacheliere,
Quæ sunt remedia,
Quæ in maladia
Dite hydropisia
Convenit facere.

BACHELIERUS

Clysterium donare,
Postea seignare,
Ensuita purgare.

CHORUS

Bene, bene, bene, bene respondere:
Dignus, dignus est intrare
In nostro docto corpore.

TERTIUS DOCTOR

Si bonum semblatur domino præsi,
Doctissimæ Facultati
Et companiæ præsentis,
Domandabo tibi, docte bacheliere,
Quæ remedia eticis,
Pulmonicis atque asmaticis,
Trovas à propos facere.

BACHELIERUS

Clysterium donare,
Postea seignare,
Ensuita purgare.

CHORUS

Bene, bene, bene, bene respondere:
Dignus, dignus est intrare
In nostro docto corpore.

QUARTUS DOCTOR

Super illas maladias,
Doctus bachelierus dixit maravillas,
Mais, si non ennuyo dominum præsidem,
Doctissimam Facultatem,
Et totam honorabilem

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

Companiam ecoutantem,
Faciam illi unam questionem:
De hiero maladus unus
Tombavit in meas manus;
Habet grandam fievram cum redoublamentis,
Grandam dolorem capitis,
Et grandum malum au costé,
Cum granda difficultate
Et pena de respirare.
Veillas mihi dire,
Docte bacheliere,
Quid illi facere?

BACHELIERUS

Clysterium donare,
Postea seignare,
Ensuita purgare.

QUINTUS DOCTOR

Mais si maladia,
Opiniatria,
Non vult se guarire,
Quid illi facere?

BACHELIERUS

Clysterium donare,
Postea seignare,
Ensuita purgare,
Resesignare, repurgare et reclysterisare.

CHORUS

Bene, bene, bene, bene respondere:
Dignus, dignus est intrare
In nostro docto corpore.

PRÆSES

Juras gardare statuta
Per Facultatem præscripta,
Cum sensu et jugeamento?

BACHELIERUS

Juro.

PRÆSES

Essere in omnibus
Consultationibus
Ancieni aviso,
Aut bono,
Aut mauvaiso?

BACHELIERUS

Juro.

PRÆSES

De non jamais te servire
De remediis aucunis,
Quam de ceux seulement doctæ Facultatis;
Maladus dût-il crevare
Et mori de suo malo?

BACHELIERUS

Juro.

PRÆSES

Ego, cum isto boneto
Venerabili et docto,
Dono tibi et concedo
Virtutem et puissanciam
Medicandi,
Purgandis,
Seignandi,
Perçandi,
Taillandi,
Coupandi,
Et occidendi
Impune per totam terram. (...) ⁵⁶

Molière, *Le malade imaginaire*

⁵⁶ Molière termina esta cerimónia pela paródia, certeira e cáustica, da fórmula oficial da ‘profissionalização’ dos médicos: *Do tibi licentiam legendi, interpretandi et faciendi medicinam hic et ubique terrarum*. Valerá a pena ler o seguimento da peça para apreciar o ‘latim’ dos ‘chirurgiens et apothicaires’ que vêm cumprimentar o novo médico.

Anexo 12

E assim prosseguiu o menino Daniel nos seus estudos com grande aprazimento do reitor, que muita vez dizia ao pai, em tom confidencial:

– Sabes que mais, José? O rapaz é esperto, e era até um pecado desviá-lo do estudo, para que tem tanta queda. Olha que me estudou as linguagens em oito dias!

José das Dornas não podia avaliar ao certo o género e o grau de dificuldade que vencera o filho: mas entendeu, lá de si para si, que fora alguma coisa de heróico, e nesse dia não pôde deixar de olhar para o rapaz como se ele tivesse no rosto o que quer que fosse estranho – a auréola dos predestinados para grandes coisas.

– E então, sr. reitor – perguntou ele um dia ao mestre – o pequeno vai bem?

– Optimamente. O Sulpício para ele é já como água de unto. Qualquer dia passo-o para o Eutrópio, e dentro em pouco para o Cornélio.

Estas sucessivas passagens do Sulpício para o Eutrópio e do Eutrópio para o Cornélio, impressionaram profundamente José das Dornas.

Lá lhe pareceu aquilo uma façanha ginástica admirável.

Júlio Dinis, *As Pupilas do Senhor Reitor*, cap. II

Anexo 13

Depois, ainda estive na minha terra uns dois ou três anos, e estudei latim com dois padres. Estes dois padres não saberiam talvez muito latim, mas davam-nos muitas palmatoadas, e eu levei mais do que areias tem o mar e estrelas o céu. Um deles até imaginava que a palmatória operava por compressão, infiltrando-nos na palma das nossas mãos (no Inverno roxas de frio) as coisas que nós não sabíamos. Depostas essas coisas na palma da mão, como se fosse beijá-la, dava-lhes por cima um grande bolo, e pensava ele que as coisas trepavam assim pelo braço acima e não sei mais por onde, até se nos alojarem na cabeça – e era desta forma que nos metia na cabeça o que nós não sabíamos. (...)

Na gramática andávamos assim tempos infinitos, e dávamo-la de trás para frente e de diante para trás, até a sabermos na ponta da língua; e a última prova a que nos submetia esse professor consistia em nos vender os olhos com um lenço de assoar, e aí do que não apontasse com o dedo, sem se enganar numa vírgula, os assuntos todos do horrendo livro, e onde ficavam, e onde começavam e onde acabavam, e isto desde o princípio da gramática até ao fim.

Da gramática passávamos à selecta «primeira»⁵⁷: *Mundus a Domino constitutus est*, que nós traduzíamos assim de brincadeira: *Mundus*, a gaiata, *constitutus est*, foi tocada, *a Domino*, pelo gaiteiro; – e dessa tal selecta «primeira», que também tinha um bocado de Eutrópio, *Ab urbe condita*, passávamos à «segunda» que tinha cartas de Cícero e não sei que mais⁵⁸, e ao mesmo tempo dávamos também Fábulas de Fedro⁵⁹, e passávamos depois ao Tito Lívio⁶⁰ e com este ao Virgílio que nós pensávamos que eram três: Virgílio I, Virgílio II e Virgílio III, por serem três os volumes da obra⁶¹.

Alguns ainda chegavam ao Horácio⁶²; mas quando aí chegavam, o ódio aos livros era já muito, e o professor quase sempre dizia aos pais que não pensassem em dar aos filhos «uma carreira», porque para as letras não tinham jeito. Ao meu até lhe disse que não havia lei que obrigasse um homem a ser doutor, mas meu pai parece que tinha alguma esperança em mim, e regalava-se de me ouvir ler, e, a respeito de latim, ele bem sabia de um grande puxão de orelhas que me dera uma vez à missa meu tio Reitor, por lhe emendar uma *silabada!* (...)

Oh, essa vida do colégio, que durou seis anos! Foram seis anos miseráveis, de uma obediência estúpida e passiva, sempre a toque de sineta, eu e mais alguns 300! (...)

⁵⁷ V. nota 14.

⁵⁸ Desagrado, Trindade Coelho varreu da memória que, na selecta “segunda”, se encontravam “em primeiro lugar extractos de 3, 4, 5, 6, e mais livros de Quinto Curcio (...). Em segundo lugar he Cesar, de cujo merecimento ninguem duvida. (...) Para fazer huma gostosa diversão, buscáron-se obras didacticas de Eloquencia, e de Filosofia: depois alguns lugares os mais faceis de Orações, e varias Cartas de Cicero. (...) Sallustio he-quem se segue agora (...). Veleio Patérculo he o perfeito exemplar de huma Historia Panegyrica (...). Em fim, vem neste segundo volume Valerio Maximo, e Aulo Gellio” (*Prólogo*, §§ 26-31).

⁵⁹ O professor de Trindade Coelho parece não ter respeitado a ordem dos tomos da ‘selecta’, uma vez que Fedro abria o vol. VI. Seguiria, assim, o hábito mais arreigado no ensino, que considerava ser o fabulista um autor latino extremamente fácil e adequado aos primeiros contactos com os textos. No *Prólogo* da ‘selecta’ (§ 19), porém, desde logo se acautela que “o Professor sabio, e discreto pôde tomar d’entre os Authores como, e o que lhe parecer mais do gosto dos seus discipulos, porque assim se lhe permite, salvando sempre a boa regularidade”.

⁶⁰ Autor que constava da selecta terceira (ocupando metade do volume). Era dado a seguir a Vegécio e antes de passos de Tácito, Frontino, Macróbio, Quintiliano, Columela e “do Tractado *ad Herennium*” (*Prólogo* § 40).

⁶¹ V. nota 14.

⁶² Constava do sexto e último tomo, que continha ainda passos de Fedro, Ovídio, Vergílio, Juvenal, Pérsio e Lucrécio.

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

Depois também tive de fugir para fazer exame de latim, porque o professor, um Hércules que era gracejador de mau gosto e tinha uma lenda de Herodes entre os rapazes, gostava de fazer pouco dos discípulos quando estava na aula, e eu disse-lhe uma vez que se ele era professor e eu discípulo, tínhamos ambos deveres a cumprir, e que cumprisse ele os dele se não queria que eu lhos ensinasse...

Tomou-me tal ódio, esse homem que passava por saber muito e que era no fundo um ignorântão, que nunca mais me chamou à lição – e no fim do ano não me indicou para exame, mas eu requeri – e constou-me que me recomendou para uma reprovação...

Trindade Coelho, “Autobiografia” (1902) in *Os meus amores. Contos e baladas*.

Anexo 14

J’avais quatorze ans et j’étais en troisième. Mon professeur, qui se nommait Chotard, avait le teint fleuri d’un vieux moine, et c’en était un. (...)

Quel belliqueux professeur de troisième nous avions là! Il fallait le voir, lorsque, texte en main, il conduisait à Philippes les soldats de Brutus. Quel courage! quelle grandeur d’âme! quel héroïsme! (...)

Il est vrai de dire que son corps seul demeurait parmi nous; son âme était dans l’antiquité. Il vivait, cet excellent homme, aux Thermopyles avec Léonidas; dans la mer de Salamine, sur la nef de Thémistocle; dans les champs de Cannes, près de Paul-Émile; il tombait tout sanglant dans le lac Trasimène, où, plus tard, un pêcheur trouvera son anneau de chevalier romain. Il bravait, à Pharsale, César et les dieux; il brandissait son glaive rompu sur le cadavre de Varus, dans la forêt Hercynie. C’était un fameux homme de guerre. (...)

Mais j’ai hâte d’en venir au point par lequel Chotard s’illustra dans les esprits de tous ses élèves.

Il nous donnait pour sujet de compositions, tant latines que françaises, des combats, des sièges, des cérémonies expiatoires et propitiatoires, et c’est en dictant le corrigé de ces narrations qu’il déployait toute son éloquence. Son style et son débit exprimaient dans les deux langues la même ardeur martiale. Il lui arrivait parfois d’interrompre le cours de son idée pour nous dispenser des punitions méritées, mais le ton de sa voix restait héroïque jusque dans ces incidences; en sorte que, parlant tour à tour avec le même accent comme un consul qui exhorte ses troupes et comme un professeur de troisième qui distribue des pensums, il jetait les esprits des élèves dans un trouble d’autant plus grand qu’il était impossible de savoir si c’était le consul ou le professeur qui parlait. Il lui arriva un jour de se surpasser dans ce genre,

par un discours incomparable. Ce discours nous le sûmes tous par cœur; j'eus soin de l'écrire sur mon cahier sans en rien omettre.

Le voici tel que je l'entendis, tel que je l'entends encore, car il me semble que la voix grasse de M. Chotard résonne encore à mes oreilles et les emplît de sa solennité monotone.

Anatole France, "Les dernières paroles de Décimus Mus" in *Le livre de mon ami*

Anexo 15

Enfin, vers les cinq heures, l'oncle Jules revint de la chasse, une perdrix dans chaque main; il les jeta sur mes grives, et m'administra «Rosa la Rose», première déclinaison. Joseph écoutait, naïvement intéressé.

Je lui demandai:

"Pourquoi veux-tu que j'apprenne une langue que tu ne sais pas? Ça va me servir à quoi?"

Il répliqua:

"Si l'on n'a appris que le français, on ne sait pas bien le français. Tu t'en rendras compte plus tard."

Je fus consterné par cette réponse, qui le condamnait lui-même.

De plus, les douze "cas" de cette rose étaient une bien étrange surprise. Je demandai à l'oncle Jules:

"A quoi ça sert, douze noms pour la même fleur?"

Il ne se fit pas prier pour nous déplier ce mystère. Explication d'ailleurs terrifiante: les mots latins changeaient sans cesse de visage selon leur fonction, ce qui permettait de les placer n'importe où! J'en conclus que je ne saurais jamais le latin: mais pour être agréable à Joseph, j'appris comme un perroquet les douze cas de "Rosa la Rose".

Marcel Pagnol, *Le temps des secrets*

Anexo 16

Rosa rosa rosam
Rosæ rosæ rosa
Rosæ rosæ rosas
Rosarum rosis rosis

C' est le plus vieux tango du monde
Celui que les têtes blondes
Anonnent comme une ronde
En apprenant leur latin

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e
agentes de ensino

C'est le tango du collègue
Qui prend les rêves au piège
Et dont il est sacrilège
De ne pas sortir malin
C'est le tango des bons pères
Qui surveillent l'œil sévère
Les Jules et les Prosper
Qui seront la France de demain

Rosa rosa rosam ...

C'est le tango des forts en thèmes
Boutonneux jusqu'à l'extrême
Et qui recouvrent de laine
Leur cœur qui est déjà froid
C'est le tango des forts en rien
Qui déclinent de chagrin
Et qui seront pharmaciens
Parce que papa ne l'était pas
C'est le temps où j'étais dernier
Car ce tango rosa rosæ
J'inclinai à lui préférer
Déjà ma cousine Rosa

Rosa rosa rosam ...

C'est le tango des promenades
Deux par seul sous les arcades
Cerclés de corbeaux et d'alcades
Qui nous protégeaient des pourquoi
C'est le tango de la pluie sur la cour
Le miroir d'une flaque sans amour
Qui m'a fait comprendre un beau jour
Que je ne serais pas Vasco de Gama
Mais c'est le tango du temps béni
Où pour un baiser trop petit
Dans la clairière d'un jeudi
A rosi cousine Rosa

Rosa rosa rosam ...

C'est le tango du temps des zéros
J'en avais tant des minces des gros
J'en faisais des tunnels pour Charlot
Des auréoles pour Saint François
C'est le tango des récompenses
Qui allaient à ceux qui ont la chance
D'apprendre dès leur enfance
Tout ce qui ne leur servira pas
Mais c'est le tango que l'on regrette
Une fois que le temps s'achète
Et que l'on s'aperçoit tout bête
Qu'il y a des épines aux Rosa

Rosa rosa rosam...

Anexo 17

Grâce à mes années d'école primaire, j'obtenais des résultats honorables en calcul et en orthographe; d'autre part, ma passion des mots m'avait permis de rapides progrès en anglais et, avec l'aide du savant Bigot, quelques succès en version latine. En thème, j'étais parfaitement nul: pourtant, j'apprenais par cœur mes leçons de grammaire, et j'avais la tête farcie de règles et d'exemples, mais je n'en comprenais pas l'usage, et je croyais en toute bonne foi qu'il était suffisant d'être capable de les réciter. Pour traduire une phrase, je cherchais les mots latins dans mon dictionnaire et je les alignais tels quels à la place des mots français: c'est pourquoi Socrate prétendait que j'étais un remarquable fabricant de solécismes et de barbarismes, alors que je ne savais même pas ce que c'était.

Marcel Pagnol, *Le temps des secrets*

Anexo 18

Sur quoi Socrate, ouvrant un cahier cartonné, déclara:

– Avant d'attaquer le *De Viris Illustribus Urbis Romæ*⁶³, nous allons commencer cette année scolaire sous le signe de l'ablatif absolu. (...)

⁶³ Trata-se da obra de Charles François Lhomond (1727-1794), que constituiu fonte privilegiada de textos para os manuais até há bem poucos anos.

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

La persistance de Socrate était aggravée par le fait que nous gardions aussi Pitzu, notre professeur d'anglais, Pétunia, le mathématicien, et M. Michel, à peine changé par le fait qu'au lieu de nous parler de pharaons et d'obélisques il essaya de nous intéresser à cet absurde Romulus, qui, après avoir tété une louve aux crasseuses mamelles, assassina son frère pour fonder l'Empire romain, et encombrer les programmes de l'enseignement secondaire. (...)

Trois mois plus tard, Socrate se mit à me persécuter. Parce que j'avais fait imprudemment quelques bonnes réponses, il dévasta ma tranquillité, me réclama chaque matin ma leçon de grammaire ou de récitation, et me posa des questions en classe avec une persévérance si insolite que Lagneau en était indigné et que Zacharias lui-même s'apitoyait sur mon sort. J'essayai de décourager le tourmenteur par des réponses idiotes; un jour qu'il me pria de lui donner un exemple d'ablatif absolu, je lui offris "*Subito presto*", ce qui me valut les ricanements de quelques externes et une version supplémentaire de trois paragraphes du *De Viris Illustribus*.

Marcel Pagnol, *Le temps des amours*

Anexo 19

De vez em quando perguntam-me: em que é que o influenciou o latim? Ou: como é você professor dessa coisa e escreve para cá disso? (...) Não, não morro de paixão pelo latim. Nem tenho o meu "bife" a defender. Mas gosto de vez em quando de reler os bons latinos. Pela doutrina? Não muito. Sobretudo pelo jogo do cérebro a que me obrigam, essa dança no arame da sequência das palavras, da atenção voltada para as suas terminações, da desarrumação do meu mecanismo de entender. Gosto de ler latim como antes gostava de fazer ginástica. Fica-se com menos ferrugem. E há a doutrina, decerto. Excita verificar que a nossa inteligência já funcionava há dois mil anos. Mesmo as piadas de hoje. Por exemplo: Brito Camacho dizia preferir perder um amigo a um bom dito. Já está em Quintiliano⁶⁴. Mas em doutrina, e sem sair de Quintiliano: os meninos-prodígios quase nunca vêm a dar nada⁶⁵. Ou: os factos da infância lembram-se melhor que os

⁶⁴ *Inst. Or. 6. 3. 28: Laedere numquam uelimus, longaeque absit illud propositum, potius amicum quam dictum perendi.*

⁶⁵ Evocação do passo (*Inst. Or. 1. 3. 3*) que termina com o juízo: *Illud ingeniorum uelut praecox genus non temere umquam peruenit ad frugem.*

recentes⁶⁶. Ou: o mais fácil de imitar nos grandes é o que neles é mais pequeno. Mas isto dito em latim é uma revelação. Como numa criança.

Vergílio Ferreira, *Conta Corrente* I (21 de Maio de 1973)

Anexo 20

De vez em quando retomo os meus clássicos latinos, ou mesmo os gregos, que são já um pouco duros para os meus dentes. Assim reli há pouco algumas cartas de Plínio. É um escritor inteligente que nos ficou em epístolas, como teria ficado o Ático, amigo de Cícero e tão parecido com o nosso Fradique imaginado por Eça. Ler latim é para mim um jogo sedutor. Nós temos os mecanismos cerebrais engrenados de certa forma e o latim de uma forma totalmente diferente. Não é o problema de haver “casos”, e outras manigâncias, que nos desarma a mecanização: é o problema da ordem das palavras e o modo diferente, justamente porque “casos”, como temos de os ir segurando ou fixando para a nova ordenação mental. Uma frase, por exemplo, que abre por um acusativo, normalmente um complemento directo, tem de se organizar, para a nossa inteligência, numa estrutura totalmente diferente da nossa em que o complemento directo se segue em regra ao verbo. Isto, com as incidências intercalares de complementos ou orações, transformam o período latino num xadrez estimulante. Mas ontem, portanto, Plínio o Moço. Reli várias cartas, algumas interessantíssimas, mesmo aquela em que nos conta das leituras públicas (a aproximar do que McLuhan nos diz a propósito da *galáxia Gutenberg*) em que há toda uma comédia dos ouvintes desinteressados, a conversarem durante a leitura, a perguntarem se a coisa já vai adiantada, a rasparem-se antes do fim⁶⁷ – e o mais.”

Vergílio Ferreira, *Conta Corrente* 3 (16 de Junho de 1980)

Anexo 21

Nunca gostei de Horácio. Sempre me irritou aquele ideal de vida a meia dose, aquela temperança, aquele resignado encolher de ombros a tudo, aquele encolhido comodismo. Mas o romance que escrevo levou-me a relê-lo. E tudo se me renovou numa dimensão de sabedoria, de prévio cansaço de uma vida finita e que como tal se sabe. O *carpe diem*, e a *aurea mediocritas*, e o leve vinho do breve prazer, e o olhar errante e plácido por sobre tudo, e o antecipado cerrar de portas aos grandes rumores lá de fora, e a calma medida

⁶⁶ *Inst. Or.* 11. 2. 7: *Quid? Non haec uarietas mira est, excidere proxima, uetera inhaerere? Hesternorum inmemores acta pueritiae recordari*

⁶⁷ Trata-se da famosa epístola 1. 13.

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

em todos os gestos, transfiguram-se-me numa beleza discreta, numa pacificação final, que é a última presença de uma lúcida razão. Assim, toda a beleza da arte é uma oculta consonância com a vida que a exige. Assim Horácio se me revela hoje mesmo um extraordinário poeta.

Vergílio Ferreira, *Conta Corrente 2* (1 de Outubro de 1979)

Anexo 22

Estou a reler as *Elegias*, de Tibulo e de Propércio. Tibulo, sobretudo, é um belo poeta. Uma elegia sugere logo morte ou coisa assim. Mas na Antiguidade Clássica não há morte, há o que a anuncia na juventude que passou, na quietude da velhice. Tibulo é um poeta triste. Mas toda a tristeza lhe cabe na imagem lembrada de um(a) amante que o deixou, na memória do seu corpo pagão, emergindo da lembrança dos seus cabelos, de um ritual de água e vinho, do conforto cálido de um seio. O fim é sempre visto no começo dele. A morte pressente-se para lá da vida, não a vida para lá da morte. Não há cemitérios no classicismo. Os mortos integram-se no mundo dos vivos, saúdam-nos à entrada das cidades. Propércio é um poeta muito menos agradável que Tibulo, com um latim extremamente perro, cheio de caroços, inspiração algo tosca, pedantemente e chatamente incrustado de referências mitológicas. Poesia cheia de calos de campónio e de um certo novo-riquismo da cultura.

Vergílio Ferreira, *Conta Corrente 3* (26 de Setembro de 1980)

Anexo 23

Coimbra, 6 de Junho de 1950 – Um dia estranho, repartido entre cenas acontecidas na clínica e cenas inventadas do *Soldado fanfarrão* de Plauto. O quotidiano trágico intercalado do grotesco intemporal. A braços com as afonias histéricas, as otites e o ranho deste nosso tempo, valeu-me aquele santo cómico do século III A.C. Se não fosse ele, não sei o que seria de mim, a arrancar palavras de conforto do terreno esgotado da minha desilusão. A beleza tem esse dom maravilhoso de multiplicar as forças. No fim de cada consulta, bastava-me uma golada daquela fantasia e optimismo para retemperar a coragem, e continuar.

Parece que querem destruir a arte e os artistas. Tolice. Até na Roma das legiões foi necessário um mágico que obrigasse os generais a desapertar as correias, perdidos de riso. É certo que nem por isso a sandália opressora deixou de caminhar. Mas a deseroização que consentia da sua dignidade aligeirava a dor dos vencidos.

*Salutem primum jam a principio propitiam
Mihi, atque vobis, spectatores, nuncio.
Adporto vobis Plautum lingua, non manu:
Quæso ut benignis accipiatis auribus.*⁶⁸

Cumprimentando-nos desta maneira cordial, e dando-nos generosamente a riqueza do seu génio, porque não havemos de aplaudir e amar sempre os Plautos deste pobre mundo? Hoje, a mim, foi um deles que me valeu.

Miguel Torga, *Diário V*

Anexo 24

*Coimbra, 12 de Setembro de 1962 – Ad supervacua sudator*⁶⁹. A frase é de Séneca, e acabo de a reler numa das suas cartas a Lucílio, precisamente a que tenta adoçar no espírito do amigo o medo da morte.

Ad supervacua sudator – repito, rendido à beleza da formulação e descorçoado dos moralistas que, mesmo quando cantam loas à pobreza ajustada aos limites das leis naturais – nem fome, nem sede, nem frio –, deixam de fora das suas congeminações noventa e nove por cento da humanidade. Lutamos pelo supérfluo, realmente... Mas quais de nós? Os poucos que arrotam fartura e atulham mantimentos, ou os muitos que nada comem e tentam comer? O desnecessário, em Roma, seria o luxo dos senhores ou o pão dos escravos? O dispensável, hoje, será o dividendo dos accionistas ou a jorna do cavador?

Este mundo de classes tem de acabar. Até para que não sejam mais possíveis semelhantes confusões, e nenhum filósofo possa de boa fé falar genericamente do homem em nome de meia dúzia de homens.

Miguel Torga, *Diário IX*

Anexo 25

Chaves, 11 de Setembro de 1972 – Ia ouvindo, distraído:

– Marco vial encontrado em... Estela funerária de... Ara dedicada a...

Mas, no meio da ladainha, o cicerone apontou para dentro de uma estante e pronunciou o nome de Antínoo. E cheguei-me, curioso.

⁶⁸ *Menæchmi* 1-4. Esperar-se-ia, porém, a grafia *nuntio* (v.2) e *accipiatis* (v.4).

⁶⁹ Em todas as edições do *Diário* que consultámos, a citação encontra-se errada. Séneca diz: *Ad superuacua sudatur* (*Epist.* 4. 11).

O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

Tratava-se dum pequeno busto, que no parecer dos entendidos representa o jovem grego.

Enquanto o grupo de visitantes continuou a percorrer a sala, fiquei eu ali emocionado, a contemplar a figurinha togada e a pensar no desvairamento de Adriano quando o favorito, enciumado, se afogou no Nilo. Roído de dor e de remorsos, o augusto amante – um dos mais nobres senhores dos seus sentimentos que a História conhece – passou o resto dos dias na obsessão de lhe perpetuar a memória de todas as maneiras. Estátuas esculpidas, medalhões gravados, moedas cunhadas, uma cidade erguida em seu nome, o culto do novo deus imposto ao mundo e aceso no próprio santuário de Elêusis. Tudo vão, evidentemente, porque nenhum artista em nenhum barro, mármore ou metal, nem nenhum crente com nenhuma oração ressuscitam um morto. Tudo inútil, porque nenhuma máscara e nenhuma evocação substituem um rosto. Comovia-me, contudo, que, ao cabo de tantos séculos, tivesse chegado até mim, palpável, o eco de um dos maiores desesperos que o mundo viu de uma paixão humana. Encontrar numa longínqua terra de Trás-os-Montes aquela lágrima em bronze do grande imperador.

Miguel Torga, *Diário XI*

Anexo 26

Monforte do Alentejo, 3 de Dezembro de 1967 – Nunca morri de amores por qualquer dos aspectos da presença romana no mundo. O pão e o circo dos Césares resume no meu espírito a suprema degradação da ordem social. Mas hoje, ao visitar aqui perto as ruínas dum assento de lavoura que pertenceu a não sei que patricio peninsular, reconciliei-me um pouco com a sandália do Lácio. A moradia senhorial, embora rodeada de marcas de servidão, tinha lindos mosaicos a pavimentá-la. Um, sobretudo, dedicado às nove Musas. E a minha alma de poeta exultou. Apesar do pragmatismo grosseiro de que abarrotaram a história, os filhos da Loba sempre conheciam as filhas de Júpiter, e honravam-nas nos próprios coutos de Ceres. O que significa que os Horácios e os Virgílios do tempo não cantavam totalmente em vão, como agora. Até um longínquo latifundiário transtagano os ouvia.

Miguel Torga, *Diário X*

Anexo 27

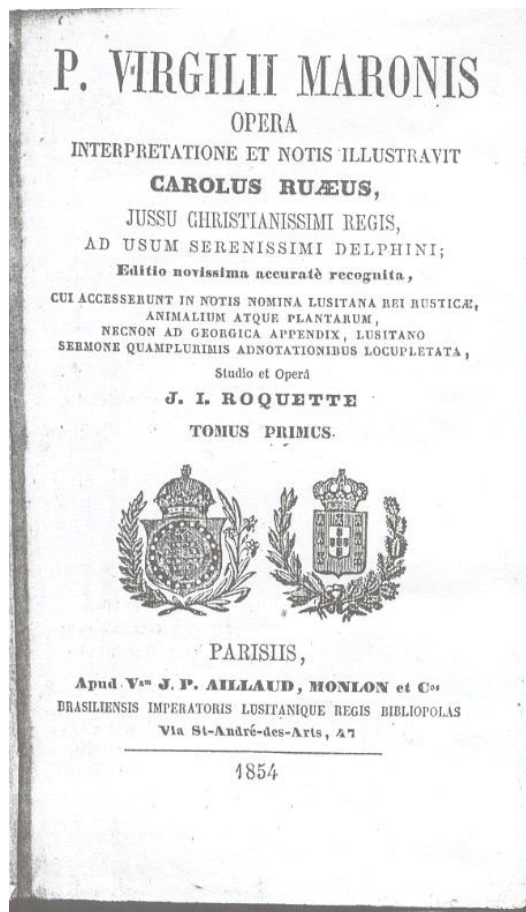
Acordo com um ferro no coração. Qualquer movimento pode reabrir a ferida. O melhor é ficar quieto, aproveitar estes minutos, sentado na varanda

com vidros que me isolam do mundo a olhar o areal imenso e o mar branco lá ao fundo. Nada mexe e eu não me mexo. Se houvesse um sentido era este.

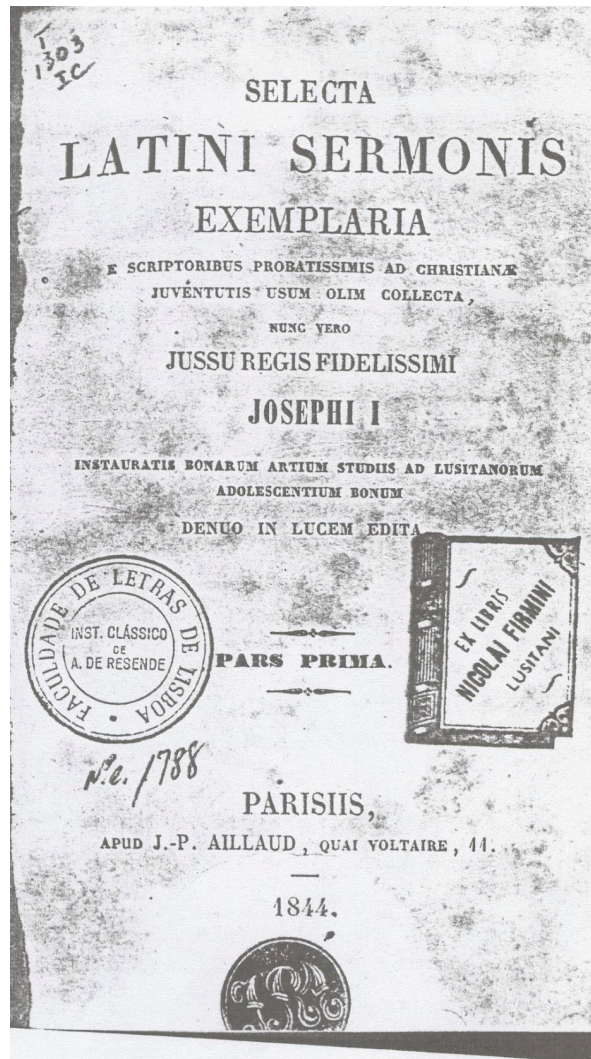
Tenho o livro de Propércio fechado sobre os joelhos e penso nele como num parente próximo e querido que me deixou como herança esta melancolia como um vinho. Daqui a pouco hão-de vir fazer o quarto e desfazer a frágil teia em que me sustenho. Tomarei um banho rápido, farei a barba e sairei para a rua. (...)

Pedro Paixão, “Os amantes sabem por que morrem” in *Nos teus braços morreríamos*. 1998.

Anexo A



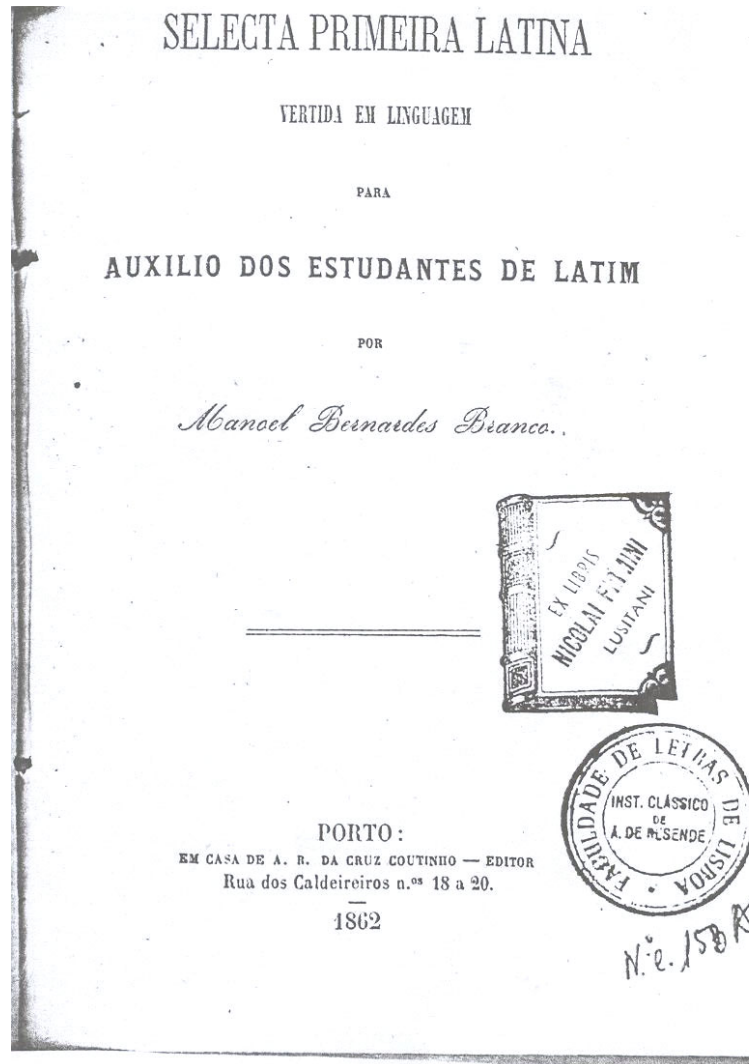
Anexo B



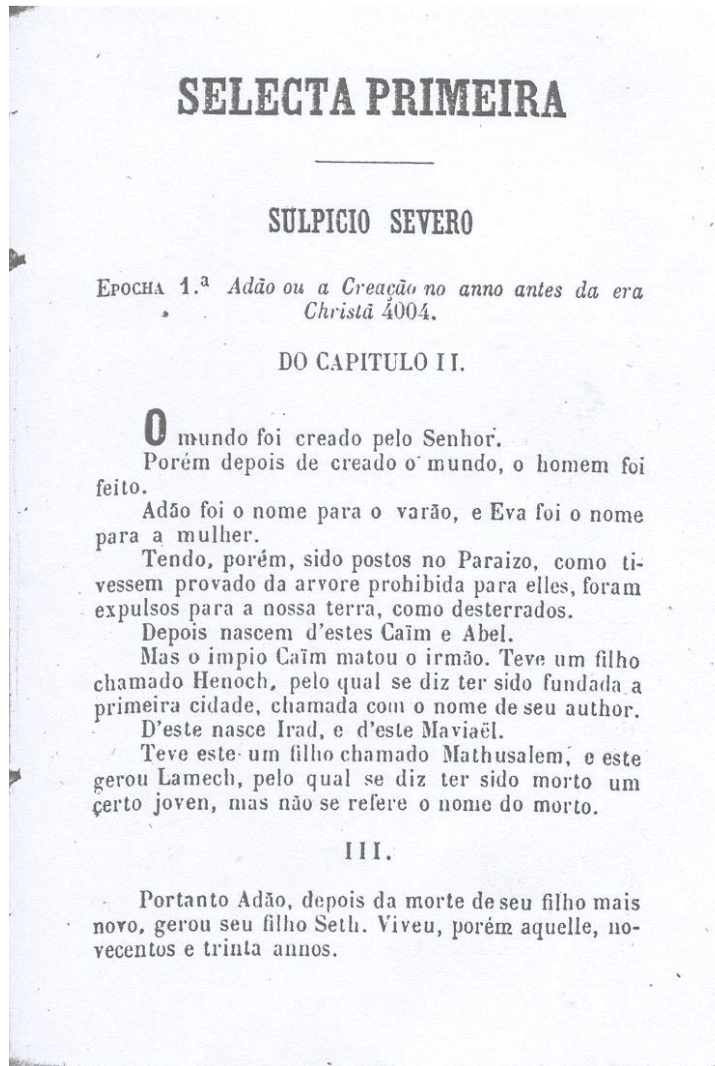
Anexo C



Anexo D



Anexo E



O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino

* * * * *

Resumo: Trata-se de uma proposta de leitura de textos de autores portugueses e franceses, do séc. XVI ao séc. XX, como base para uma reflexão centrada na perspectiva de quem estudou latim: procuram-se as imagens, as memórias e as impressões (quase sempre negativas) deixadas por professores, métodos e materiais didáticos. Talvez nessa evocação, que vai de Gil Vicente a Mário de Carvalho, de Montaigne a Marcel Pagnol, se encontrem as causas das constantes 'convulsões' sofridas pelas línguas clássicas em *currícula* e reformas educativas...

Palavras-chave: Didáctica; Latim e Grego; métodos, instrumentos e agentes de ensino; literatura portuguesa e literatura francesa (séculos XVI a XX).

Resumen: Se trata de una propuesta de lectura de textos de autores portugueses y franceses, desde el siglo XVI hasta el XX, como base para una reflexión centrada en la perspectiva de quien estudió latín: se buscan las imágenes, las memorias y las impresiones (casi siempre negativas) dejadas por profesores, métodos y materiales didáticos. Tal vez en esa evocación, que va de Gil Vicente a Mário de Carvalho, de Montaigne a Marcel Pagnol, se encuentren las causas de las constantes 'convulsiones' sufridas por las lenguas clásicas en los *currícula* y reformas educativas...

Palabras clave: Didáctica; Latín y Griego; métodos, instrumentos y agentes de enseñanza; literatura portuguesa y literatura francesa (siglos XVI a XX).

Résumé: Nous nous sommes proposée d'effectuer une lecture de textes d'auteurs portugais et français, du XVI^e au XX^e siècle, comme base pour une réflexion centrée sur la perspective de celui qui a étudié le latin : nous partons donc à la recherche d'images, de mémoires et d'impressions (presque toujours négatives) laissées par les professeurs, par les méthodes et le matériel didactique. Les raisons des constantes 'convulsions' dont souffrent les langues classiques, dans les cursus et les réformes éducatives, peut-être se trouvent-elles dans cette évocation, qui va de Gil Vicente à Mario de Carvalho, de Montaigne à Marcel Pagnol...

Mots-clé: Didactique; latin et grec; méthodes; instruments et agents de l'enseignement; littérature portugaise et littérature française (du XVI^e au XX^e siècle).